

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

FILIPPI FLOR TEIXEIRA

**GÊNERO COMO FATOR DE (IN)DIFERENCIAÇÃO NA MÍDIA ESPORTIVA
IMPRESSA: ESTUDO DA COBERTURA DA PARTICIPAÇÃO DAS SELEÇÕES
BRASILEIRAS NAS LIGAS MUNDIAIS DE VOLEIBOL**

FLORIANÓPOLIS, 2011

FILUPI FLOR TEIXEIRA

**GÊNERO COMO FATOR DE (IN)DIFERENCIAÇÃO NA MÍDIA ESPORTIVA
IMPRESSA: ESTUDO DA COBERTURA DA PARTICIPAÇÃO DAS SELEÇÕES
BRASILEIRAS NAS LIGAS MUNDIAIS DE VOLEIBOL**

Trabalho apresentado à disciplina Seminário de
Conclusão de Curso II (DEF 5875), como requisito para
obtenção do título de graduado em Licenciatura em
Educação Física.

Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires
Co-orientador Prof. Ms. Cristiano Mezzaroba

FLORIANÓPOLIS, 2011

FILIPi FLOR TEIXEIRA

**GÊNERO COMO FATOR DE (IN)DIFERENCIAÇÃO NA MÍDIA ESPORTIVA
IMPRESSA: ESTUDO DA COBERTURA DA PARTICIPAÇÃO DAS SELEÇÕES
BRASILEIRAS NAS LIGAS MUNDIAIS DE VOLEIBOL**

Trabalho apresentado à disciplina Seminário de
Conclusão de Curso II (DEF 5875), como requisito para
obtenção do título de graduado em Licenciatura em
Educação Física.

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, junho de 2011.

Nota: _____

Prof. Giovani De Lorenzi Pires (UFSC – Orientador)

Prof. Cristiano Mezzaroba (UFS – Co-orientador)

Prof. Ricardo Lucas Pacheco (DEF/UFSC e PPGEF/UFSC – Examinador)

Prof^a. Paula Bianchi (UNIPAMPA e PPGEF/UFSC – Examinadora)

Prof^a. Verônica Piovani (PPGEF/UFSC – Suplente)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ser finalizado sem que antes eu pudesse agradecer as pessoas que considero importantes e que contribuíram, não só para realização do mesmo, mas para minha vida acadêmica e social. De alguma forma vocês, estando longe ou perto, foram/são especiais para mim e este é o momento de expressar isto. Espero não esquecer de ninguém!

Início agradecendo a Deus, ou a essa força maior, pela vida e suas surpresas.

Agradeço as pessoas mais importantes da minha vida: meu pai, Antolino; minha mãe, Madalena; minhas irmãs, Tatiana (Tati) e Viviana (Vivi); meu sobrinho, Leonardo (Léo); e meus afilhados, Willian e Júlia (Jú). Saibam que, apesar da distância, vocês sempre estiveram presentes aqui comigo. E, se em algum momento eu não desisti, conseguindo concluir mais essa etapa da minha vida, o motivo da força foi a ajuda e o apoio de vocês. Sem o carinho de cada um eu não seria o que sou. Tenho orgulho de pertencer a essa família!

Àquela que costumo chamar de minha segunda família: meu tio, José (Zeca); minha tia, Célia; minha “quase” tia, Cleusa (Cleusinha); minhas primas, Gisele (Gica) e Maira (Má); e demais moradores da casa que afetivamente intitulamos República, muito obrigado. Agradeço por ainda me “aturarem” ao longo desses quase cinco anos morando com vocês, e também pela amizade, pela cooperação e pelo incentivo. Sei que quando precisar seguir outros caminhos, o que certamente acontecerá nessa vida que é dinâmica, sentirei saudades de compartilhar e de ser compartilhado das experiências de cada um presente nessa República.

À turma ingressante em 2007-1 no curso de licenciatura em Educação Física, meu muito obrigado pelo companheirismo, pelas risadas, pelas discussões e pelos aprendizados. “Imundiças”, independente das afinidades que foram/são diferentes, ao longo desses quatro anos vivemos muitos momentos que ficarão guardados para sempre na minha memória. Aproveitamos e fizemos tudo aquilo que podíamos. Espero que logo possamos nos reencontrar e relembrar o tempo que convivemos juntos, de preferência em um daqueles “churras” na praia, com muita música e diversão.

Ainda sobre a turma 2007-1, não poderia esquecer de fazer um agradecimento especial aos meus amigos: Bianca (Bia), Camilla (Milla), Cláudio e Daiane (Day). Desejo à vocês muito sucesso e felicidade. Obrigado pelo afeto, atenção e paciência que tiveram comigo. Construímos uma relação de amizade que, sinceramente, espero que seja permanente, mesmo que tenhamos que seguir caminhos diferentes.

Ao Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, LaboMídia, ficam aqui meus sinceros votos de gratidão. Nossas reuniões, bate-papos, estudos, encontros e desencontros foram fundamentais para concretização dessa pesquisa e principalmente, no meu processo de formação. Lembrando que este trabalho demarca o término de uma etapa e o início de tantas outras, tenho a expectativa de que continuarei aprendendo com a família labomidiana.

Ao grupo PET-Educação Física, Programa de Educação Tutorial, muito obrigado pelos quase dois anos que passei com vocês. Durante as modificações do Grupo, com as saídas e entradas de novos integrantes, resisti, mas aprendi a respeitar ainda mais as diferenças que são comuns nesse Grupo tão heterogêneo. A particularidade de cada um, organização, desorganização, responsabilidade, liderança, tranquilidade, nervosismo, felicidade, timidez, disposição, crítica, entre outras tantas que seria possível descrever, só enriqueceu nossos planejamentos, concretizações e laços de amizade mútua e sincera. Sinto-me mais preparado para encarar as dificuldades do “mundo” fora da universidade depois de ter participado desse Grupo que defendo e tenho orgulho. Com saudades, sempre me sentirei um PETiano, pois “uma vez PETiano, sempre PETiano”.

Muito obrigado a todos os profissionais que contribuíram para realização da minha formação: professores, substitutos ou efetivos, que me deram aula ou apenas dispuseram seu tempo para conversarmos pelos corredores; técnicos administrativos e demais trabalhadores que de alguma forma nos possibilitaram/possibilitam condições mínimas para permanência no ambiente universitário.

Agradeço àquele que brinco chamar de “Pai” dentro da universidade e que carinhosamente me chama de “Desgraça”. Professor Giovani, meu muito obrigado pela paciência, ajuda, conselhos, confiança e oportunidades depositadas em mim. Não existem palavras que mensurem minha gratidão por sua pessoa e admiração pelo seu talentoso trabalho como educador.

Por fim, mas não menos importante, agradeço àquele que foi além de co-orientador, um amigo. Professor Cristiano (Cris), essa pesquisa também serviu para concretizar amizades, algo que hoje acredito que tenhamos conseguido realizar. Muito obrigado pela sua sempre disponibilidade e prontidão em me atender e por me encorajar a fazer coisas que acreditava não ser capaz.

A todos vocês, **MUITO OBRIGADO!**

RESUMO

A presença das redes de mídia na sociedade como um todo apresenta-se de forma indissociável à vida das pessoas e assume importância no contexto social, sendo a televisão aquela que melhor evidencia essa interação. A mídia opera por meio da criação de necessidades de consumo simbólico e da oferta de produtos culturais destinados a atender tais demandas, sendo o esporte um dos meios utilizados para comercialização dos produtos, além de ser ele próprio produto a ser comercializado. Dentre esses esportes, encontra-se o voleibol, o qual comumente gera expectativas de conquista de títulos, por ter se firmado como esporte de massa no Brasil e conquistado inúmeros e importantes títulos mundiais, como na Liga Mundial (LM), referente à seleção masculina, e no *World Grand Prix* (GP), evento disputado pela seleção feminina. Entretanto, apesar das duas seleções serem hegemônicas no esporte, a mídia tende a diferenciar sua cobertura conforme o gênero. Nesse sentido, essa pesquisa pretendeu compreender se questões de gênero revelam-se como fator de diferença nas estratégias discursivas de um jornal de circulação nacional, *Folha de São Paulo* (FSP), por meio da cobertura jornalística da LM e do GP, competições mundiais em que ambas as seleções participaram em 2010. Além deste, os outros objetivos traçados foram: a) observar a cobertura realizada pelo jornal em relação aos dois eventos; b) identificar as principais características das matérias veiculadas sobre cada evento esportivo; c) discutir e analisar aspectos quantitativos e qualitativos da cobertura. Classificada como uma pesquisa descritiva, de base documental, utilizou-se a análise de conteúdo para organização e discussão dos dados coletados. As categorias de análise identificadas nos registros de campo foram: “Técnica”, “Agendamento/programação”, “Favoritismo/expectativa” e “Personificação”. Como considerações finais, em síntese, pode-se observar que: embora aquém do que a hipótese de trabalho indicava, a FSP diferenciou a cobertura da LM e do GP, diferenças estas que representam estratégias discursivas da mídia. Estas estratégias apareceram da seguinte maneira: maior quantidade de matérias veiculadas sobre a LM do que acerca do GP; maior destaque para o individual na LM, constatado por meio da categoria “Personificação”; e, no interior desta, utilização de um maior número de imagens na cobertura do GP, exibindo corpos femininos em movimento.

Palavras-chave: Gênero; Mídia impressa; Voleibol.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	15
2.2 MODOS DE ABORDAR A REALIDADE: A COLETA DE DADOS.....	16
2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	18
3 ABORDAGEM TEÓRICA.....	20
3.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO ESPORTE.....	20
3.2 PROCESSO DE ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE.....	24
3.3 O VOLEIBOL COMO EXEMPLO DE ESPORTE ESPETACULARIZADO.....	28
3.4 A MÍDIA E O ESPORTE.....	32
3.4.1 A mídia impressa.....	32
3.4.2 Jornalismo esportivo.....	37
3.4.3 Esporte da mídia: gênero e representações.....	41
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	48
4.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO.....	48
4.2 OS ESPAÇOS DO VOLEIBOL NA FOLHA DE SÃO PAULO.....	49
4.3 O DISCURSO DA MÍDIA: CATEGORIAS DE DISCUSSÃO.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	71

BASE DOCUMENTAL	76
------------------------------	-----------

APÊNDICES	77
------------------------	-----------

APÊNDICE A – Tabela de análise descritiva da Liga Mundial (LM)	78
--	----

APÊNDICE B – Tabela de análise descritiva do <i>World Grand Prix</i> (GP)	80
---	----

APÊNDICE C – Centimetragem das matérias da Liga Mundial (LM)	82
--	----

APÊNDICE D – Centimetragem das matérias do <i>World Grand Prix</i> (GP).....	85
--	----

1 INTRODUÇÃO

A presença das redes de mídia na vida das pessoas e da sociedade como um todo, apresenta-se de forma indissociável e assume importância no contexto social, sendo a televisão aquela que melhor evidencia essa interação. Dessa forma, sabendo-se que a mídia é formadora de opinião e construtora de saberes/fazeres sociais sobre o esporte, torna-se pertinente discutir as relações entre o esporte e a mídia e verificar as repercussões dessa relação no comportamento da sociedade e na atribuição de valores e conceitos sobre o esporte.

A realização de muitos eventos esportivos cada vez mais vem se consolidando como espetáculos midiático-esportivos, graças à cobertura da imprensa. Socialmente, a mídia opera por meio da criação de necessidades de consumo simbólico e da oferta de produtos culturais destinados a atender tais demandas. Dessa forma, as dimensões da publicidade e do entretenimento articuladas, juntamente com a informação, compõem um tripé que configura o discurso midiático (PIRES, 2002).

Na cobertura esportiva, a estrutura não se comporta de maneira diferente. Conforme Lemos (2002), a abordagem do esporte pela mídia vem sendo investigada por diversos pesquisadores, especialmente nos últimos vinte anos, como um espaço complexo de significação, que não se reduz ao fato esportivo, mas compreende um conjunto de dimensões social, cultural, econômica e política. Esse interesse da mídia pelo esporte justifica-se pelo estabelecimento de uma relação entre ambos, principalmente mercadológica, em que ao mesmo tempo em que o esporte contemporâneo, ao proporcionar grandes espetáculos, depende da mídia para que os mesmos sejam viabilizados, a mídia também depende dos espetáculos esportivos para vender, dentre seus produtos, a publicidade.

De acordo com Cintra Sobrinho (2004, p. 13), “se não existirem grandes competições com super-atletas e super-equipes, nada de espetáculo, nada de grandes

audiências e nada de dinheiro”. No entanto, busca-se aqui analisar estes dois fenômenos contemporâneos – mídia¹ e esporte² – para além da explicação mercadológica/econômica.

A maneira como ocorre essa apropriação do esporte realizada pela mídia contribui de modo determinante para obtenção do sucesso ou insucesso de uma modalidade esportiva. Fato este refletido no voleibol, em que a televisão, segundo Marchi Júnior (2004), teve papel decisivo e singular para o sucesso do esporte no Brasil.

Por conseguinte, conquistada a visibilidade, a seleção brasileira de voleibol, tanto no sexo masculino quanto no feminino, tem sido alvo de cobertura pela mídia³, a qual comumente gera expectativas de conquista de títulos, por ter essa modalidade se firmado como esporte de massa no Brasil e conquistado inúmeros e importantes títulos mundiais.

Dentre os eventos mundiais em que se pode perceber a destacada participação da seleção brasileira de voleibol, estão a Liga Mundial de Vôlei (LM) e o *World Grand Prix* (GP), respectivamente relacionados à equipe masculina e feminina. Estes eventos internacionais, organizados pela FIVB (Federação Internacional de Voleibol), ocorrem anualmente, tendo o Brasil ficado no primeiro lugar do pódio em algumas de suas edições. Até hoje (2010), na LM, a seleção masculina brasileira de voleibol sagrou-se nove vezes campeã, enquanto no GP, a seleção feminina foi oito vezes a vencedora desta competição.

Então, tendo em vista a presença do esporte no campo jornalístico, não surpreende a quantidade de notícias sobre o voleibol, principalmente em épocas de ocorrência dos eventos esportivos, pois a mídia “nutre-se” de fatos momentâneos. Nos jornais (leia-se impressos), o esporte, de acordo com Borelli (2002), localiza-se geralmente nas últimas páginas, num caderno reservado, que juntamente com as primeiras, são consideradas as mais atrativas e privilegiadas do conteúdo jornalístico.

Todavia, com a realização de eventos esportivos de maior dimensão e que se tornam espetáculo, por exemplo, os citados anteriormente (LM e GP), essas características “padrão”/comuns de um jornal podem, inclusive, ser alteradas.

O modo com que pode ser efetivada essa alteração na estrutura do jornal é por meio da elaboração de cadernos especiais, com coberturas especiais dos ídolos em situações

¹ Ver mais Pires (2002) e Betti (1998).

² Ver mais Bracht (1997).

³ Percebe-se que a mídia se interessa pelo voleibol não por acaso, mas sim intencionalmente, visto que, segundo pesquisa elaborada pelo Datafolha e constante no *site* da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), o voleibol é o segundo esporte de maior aceitação entre os jovens no Brasil, perdendo apenas para o futebol. Nessa pesquisa é citado também que os mais jovens são os que mais gostam de voleibol, especialmente os compreendidos na faixa etária de 12 a 18 anos. Disponível em: <http://www.cbv.com.br/cbv2008/vivavolei/desc_programa.asp>. Acesso em: 14 ago. 2010.

como conquistas, quebra de recordes, mortes, curiosidades das mais diversas, informações sobre aspectos técnicos/táticos/físicos, entre outras ocorrências, com abordagem de temas relativos ao campo esportivo em outras editoriais como de *marketing*, política, economia, saúde, tecnologia, relações internacionais etc. (BORELLI, 2002a).

É válido salientar que atualmente o formato da mídia impressa vem se configurando de maneira diferente, transcendendo o papel, uma vez que alguns jornais já estão sendo disponibilizados na *internet (online)*, alguns gratuitamente, como é o caso do jornal Diário Catarinense (DC), e outros de modo privado, por exemplo, o jornal Folha de São Paulo (FSP). Quanto a isto, supõe-se que esse formato digital do jornal aumenta a visibilidade de seus conteúdos, tendo eles um acesso e repercussão maior.

Uma das temáticas que perpassa o campo esportivo no que tange ao jornalismo é a questão da cobertura de modalidades esportivas, com visões e opiniões que exploram, também, a questão de “gênero”⁴ no esporte. A LM e o GP, por fomentarem parte do conteúdo midiático esportivo veiculado por muitos meios de comunicação de massa, dentre eles a mídia impressa, precisam ser discutidos, levando-se em consideração a maneira com que as seleções adultas masculina e feminina de voleibol vêm sendo abordadas pela mídia.

Segundo Sayão (2002, s/p) “embora em sua fase inicial o gênero estivesse estritamente correlacionado ao termo ‘mulher’, mais atualmente, os homens têm sido alvo de uma grande produção acadêmica”. Com isto, procura-se justificar a posição do presente estudo em não enfatizar previamente o feminino ou o masculino, mas sim de apontar os indicativos existentes no campo, podendo ou não ser destacado algum naipe (feminino ou masculino).

Como reflexo da história, pode-se ainda verificar na maioria das modalidades esportivas que possuem napes masculino e feminino, a supremacia daquele sobre este. Isto se torna mais evidente quando algumas mulheres, para conseguirem ser inseridas nas modalidades em que são “permitidas”, masculinizam-se, utilizando distintas maneiras para obtenção desse aspecto, tais como: exagerada ingestão de anabolizantes e uso excessivo de exercícios com pesos na musculação (SAYÃO, 2002). Por vezes, essa busca incessante da masculinização pelas mulheres relaciona-se para além da superação de resultados obtidos nas modalidades femininas. O que ocorre é a tentativa de alcançar *performances* que

⁴ O conceito de gênero concebido neste trabalho refere-se à construção social do sexo. Ou seja, enquanto a palavra sexo relaciona-se a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e, no máximo, a atividade sexual propriamente dita, gênero relaciona-se à construção social de sujeitos, a partir de suas identificações com símbolos femininos e masculinos (LOURO, 1996).

proporcionem resultados, senão iguais ou superiores, mas pelo menos aproximados aos dos homens.

Corroborando desta ideia de diferenciação entre o masculino e o feminino, a mídia ao realizar a cobertura de eventos esportivos que possuem modalidades que abordam os dois naipes, além de espetacularizar o esporte, gera tensões entre ambos. A fim de melhor elucidar tal constatação, pode-se citar o estudo realizado por Boschilia e Meurer (2007) sobre as manifestações discursivas da mídia jornalística impressa na cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) em relação ao gênero. Neste estudo, os autores buscaram tematizar, por meio da análise do discurso, os arranjos enunciativos que visam subordinar as práticas esportivas femininas a um imaginário elitizante e erotizante, ideologicamente masculinizado. Assim, puderam constatar que a tensão entre os gêneros masculino e feminino gerada pelo jornal é uma forma de prender a atenção do leitor, o que acaba por criar uma competição que existe única e exclusivamente nas páginas de um jornal.

Nessa mesma perspectiva, ao supor-se que o público que mais acompanha o campo esportivo nos jornais é o masculino, pela ênfase no futebol atribuída por tais meios, a estratégia de erotizar o discurso e as fotos (das mulheres) seria uma forma ainda mais concisa de tentar prender a atenção desses leitores (homens).

Assim, pensando-se nas representações de gênero que permeiam a sociedade, e por isso também o esporte, e sabendo-se que a mídia opera tanto como um meio para veiculação dessas representações quanto contribuindo para formação de tais, o problema de pesquisa colocado foi o seguinte: ***quais foram as estratégias discursivas da mídia impressa relacionadas às questões de gênero na cobertura das seleções adultas masculina e feminina de voleibol do Brasil durante duas das principais competições mundiais de 2010?***

Dessa forma, objetivou-se por meio deste estudo compreender se questões de gênero revelam-se como fator de diferença nas estratégias discursivas de um jornal de circulação nacional, por meio da cobertura jornalística referente à Liga Mundial de Vôlei, no caso da seleção masculina; e do *World Grand Prix*, concernente à seleção feminina.

Concomitantemente ao objetivo central, pretendeu-se também com este estudo: a) observar a cobertura realizada pelo jornal em relação aos dois eventos; b) identificar as principais características das matérias⁵ veiculadas sobre cada evento esportivo; c) discutir e

⁵ Todas as matérias que abordaram a LM e o GP nessa pesquisa foram reportagens, não havendo coluna que abordasse os eventos como temática de discussão. Logo, aonde se vê o termo “matérias” leia-se como sinônimo de “reportagens”.

analisar aspectos quantitativos e qualitativos da cobertura.

Além dos objetivos específicos acima que orientaram notadamente os procedimentos investigativos de campo, também foram formuladas algumas questões norteadoras para a pesquisa, as quais auxiliaram na construção teórica do objeto de estudo, que foram as seguintes:

- O que caracteriza o “espetáculo esportivo”?
- Quais são as contribuições e o interesse da mídia para concretização do esporte como espetáculo?
- Como a mídia auxiliou para ascensão do voleibol no Brasil?
- Quais foram/são as adequações dos esportes, especialmente do voleibol, para que conseguissem fomentar o interesse da mídia?
- Como a mídia impressa produz e veicula notícias sobre o esporte e em especial sobre o voleibol?
- Existem estratégias discursivas sobre o gênero na mídia? Como são realizadas essas estratégias no campo esportivo espetacularizado?

A escolha por pesquisar este tema pode ser explicada, primeiramente, por meio da experiência escolar e acadêmica do próprio autor.

Optar em fazer uma graduação no curso de Educação Física, muitas vezes, pode ser decorrente da afinidade pelo esporte, adquirida durante o período da vida escolar. Especificamente no meu caso, foi isso o que ocorreu, visto que, provavelmente, foi o envolvimento e o gosto pelo voleibol o responsável por minha escolha pelo Curso, pelo prazer que sentia em praticar este esporte fora e dentro da escola. A estratégia de vincular a modalidade voleibol à área da mídia esportiva, também é oriunda da minha afinidade, em especial por ser integrante de um grupo de estudos⁶ que a tem como objeto de investigação. Sendo assim, neste momento de realização do trabalho de conclusão de curso, se é verdade que se estimula a investigar aquilo que se tem gosto, optei em realizar um estudo acerca do voleibol (meu esporte predileto) relacionado à mídia esportiva, mais especificamente a análise da cobertura jornalística impressa.

⁶ O LaboMídia compreende ao Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva, o qual busca investigar possibilidades acadêmicas para o trato pedagógico da mídia esportiva na Educação Física. A matriz desse Grupo localiza-se no Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo uma filial na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mais informações em: www.labomidia.ufsc.br

A realização desta pesquisa justifica-se também por, na área da Educação Física, poucos serem os estudos existentes que investigam o tema *voleibol e mídia esportiva impressa* (menos ainda se relacionados à questão de *gênero*), adotando-o como discussão principal e preocupando-se com a cobertura jornalística de dois eventos distintos em que as duas seleções brasileiras, masculina e feminina, participam.

Em algumas fontes documentais digitais (revistas científicas *online* e *sites*)⁷, o que se encontra são estudos⁸ (artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado) que abordaram outros aspectos deste tema, os quais contribuíram para construção do que foi proposto pesquisar nesse estudo.

É importante que se continue a investigar o trato do gênero pela mídia, neste caso por meio do âmbito esportivo, a fim de se compreender melhor as representações de gênero presentes na sociedade. Tendo em vista que a mídia é, também, formadora de opinião, consequentemente quem a acompanha acaba por desenvolver uma posição sobre o gênero que tende a ser aquela veiculada nos meios de comunicação.

Por isso, a apropriação da discussão desse tema⁹ pode ser muito bem utilizada para explicitar, esclarecer e fazer com que situações, como a ocorrida com o atleta Michael, do time de voleibol nacional brasileiro, Vôlei Futuro, não seja mais recorrente¹⁰.

Outro argumento que justifica a realização deste trabalho, refere-se à necessidade de investigar-se as repercussões da mídia no campo esportivo, principalmente no que se refere aos saberes/fazer da Educação Física inserida no ambiente escolar. Quanto a isto, Fantin

⁷ Dentre as revistas em que se realizou a pesquisa, tendo como objetivo consultar o material já produzido acerca da temática que foi estudada ou de assuntos que ajudaram na sua construção, estão: Movimento, Motrivivência, Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (INTERCOM) etc. Além das revistas, também foi consultado o *site* do LaboMídia, o qual possui um acervo com monografias, dissertações e teses sobre a relação entre mídia-educação-esporte, bem como trabalhos de seus integrantes publicados em eventos.

⁸ Confirmando isto, pode-se citar alguns trabalhos: Mezzaroba (2004), Anfilo (2003), Borelli (2002a, 2002b), Domingues (2006) e Marchi Júnior (2001).

⁹ É importante destacar que esse tema não se esgota nesse estudo. Outros já realizados que, inclusive, serviram de base teórica dessa pesquisa, assim como os que certamente estão por vir sobre o mesmo tema, são imprescindíveis para o esclarecimento da problemática.

¹⁰ Em nota divulgada pela assessoria de imprensa, o clube alega a presença de um segurança aparentemente alcoolizado na porta do vestiário, tumulto nas arquibancadas e ofensas homofóbicas ao atleta Michael durante o confronto em Contagem, Minas Gerais. O suposto comportamento preconceituoso da torcida gerou um protesto veemente por parte do jogador, que acredita que seu desempenho em quadra foi prejudicado. “O ginásio estava superlotado e todos me chamando de ‘bicha’, ‘gay’ e outras ofensas. Me sinto ofendido e constrangido pelo ocorrido; não eram só alguns torcedores de torcida de futebol, eram crianças, mulheres, o ginásio inteiro gritando e me ofendendo. Eu poderia ter jogado melhor se não tivesse passado por esse constrangimento. Me senti julgado pelo lado pessoal e não pelo profissional que sou. Acho que este tipo de acontecimento não deve passar em branco, realmente me fez muito mal. Acho que deve ser divulgado e discutido para que isso não ocorra com mais ninguém – disse Michael”. As informações foram retiradas do *site* <<http://cadaminuto.com.br/noticia/2011/04/05/jogador-do-volei-futuro-e-vitima-de-preconceito-homofobico-em-jogo-da-liga>>. Acesso em: 08 maio 2011.

(2006) adverte que estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provenientes da cultura de mídias. Por isso, a necessidade de estudá-las no processo de formação de professores, inicial e continuada, para que estes professores consigam redimensionar as potencialidades dessas redes¹¹.

Nesse sentido, docentes e discentes precisam ser alertados para apreciação e recepção ativa. De acordo com Girardello (2000), se as crianças não possuem mediação adulta sistemática que as auxiliem na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem é provável que a precariedade da reflexão sobre linguagens, conteúdos, interesses econômicos, por exemplo, impeça que a compreensão dessas crianças seja mais rica.

Assim, uma estratégia para existência da mediação adulta seria utilizar a mídia-educação¹² que pode funcionar como instrumento cultural e educativo. Como instrumento cultural, corresponde a uma oportunidade dos profissionais da comunicação de refletirem a respeito de sua própria atividade, preocupando-se com a responsabilidade social e educativa que ela detém (construções de notícias, qualidade dos programas televisivos, etc.). E, como instrumento educativo, construiria as competências dos professores e demais educadores (pais, operadores grupais, etc.) que trabalham com educação não-formal. Então, do mesmo modo que no ambiente escolar necessita-se trabalhar com as mídias, torna-se imprescindível que nos espaços midiáticos reflita-se sobre os objetivos educativos (FANTIN, 2006).

No próximo capítulo, intitulado procedimentos metodológicos, será exibida a caracterização da pesquisa, assim como a descrição dos instrumentos utilizados para coleta, organização e análise dos dados do estudo.

¹¹ Na Educação Física brasileira, há várias iniciativas no sentido de levar essa discussão para a formação de professores deste componente curricular. Exemplo disso, podem ser referidos os esforços do LaboMídia/UFSC, que oferece disciplinas optativas, projetos de pesquisa e extensão em Mídia-Educação Física.

¹² Fantin (2006).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo, de cunho documental, possui abordagem qualitativa e caracteriza-se como uma pesquisa descritiva. Quanto à natureza qualitativa desta pesquisa, Chizzotti (2006) afirma que pesquisas dessa natureza caracterizam-se pela existência de uma “relação dinâmica” entre o mundo objetivo e o subjetivo, no qual o indivíduo atribui significados aos dados da realidade.

Os estudos descritivos têm por objetivo primordial descrever as características de uma determinada população ou fenômeno, podendo ainda transcender a coleta, ordenação e classificação dos dados, para estabelecer relações, determinar a natureza dessa relação ou proporcionar uma nova visão do problema (GIL, 1989). Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, foram descritos e analisados os possíveis fatos e fenômenos encontrados nos documentos analisados relacionados ao problema de pesquisa.

Com relação à pesquisa documental, esta se desenvolve com base em materiais que não receberam tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. A pesquisa documental pode ser muito pertinente, pois, apesar de algumas vezes não responder definitivamente a um problema, pode proporcionar melhor visão deste ou, então, hipóteses que conduzem à sua verificação por outros meios. Entretanto precisa-se ter cuidado quanto à não-representatividade e à subjetividade dos documentos. Esta segunda limitação é a mais crítica, sendo importante que o pesquisador considere as mais diversas implicações relativas aos documentos antes de formular uma conclusão definitiva (GIL, 1989).

2.2 MODOS DE ABORDAR A REALIDADE: A COLETA DE DADOS

Sabe-se que o conhecimento científico, majoritariamente, está alicerçado no procedimento empírico. Em se tratando de uma pesquisa com base documental, por trabalhar sobre o que já existe, a mesma não permite resgatar novas fontes, sendo necessário para o alcance destas que se recorra a outras técnicas de pesquisa. Todavia, neste estudo, pela existência de dados, um procedimento metódico de documentação permitiu a sua detecção, recolha e crítica, possibilitando assim a sua interpretação a partir da investigação empreendida (ALBARELLO *et al.*, 1997).

Denominada por Albarello *et al.* (1997, p. 23) como fonte escrita não oficial, a imprensa, diária ou semanal, neste caso evidenciada por meio da mídia impressa diária, é fonte “[...] de informação de inegável alcance político, econômico e social, ainda que a sua credibilidade se revele por vezes flutuante”.

Quanto a isso, existem três características peculiares responsáveis por essa atribuição de credibilidade esporadicamente oscilante, as quais são válidas salientar, mesmo que de forma breve. A primeira delas refere-se a periodicidade da fonte de documentação, haja vista que “quanto mais rápido é o ritmo de publicação, maiores são os riscos de erro no controle das informações” (Ibid., p. 23). A segunda está relacionada ao objetivo da publicação. Dessa forma pode pretender “[...] informar, relatar um fato ou apoiar as posições de um grupo, de um partido ou de interesses particulares” (Ibid., p. 24). Por fim, a terceira característica condiz aos meios de subsistência, visto que o jornal, por exemplo, pode realizar “[...] uma ideia da independência de uma publicação relativamente a este ou àquele grupo [...]” (Ibid., p. 24).

Para realização desta pesquisa, utilizou-se como fonte principal de dados para análise o veículo de mídia impressa *Folha de São Paulo* (FSP), durante três meses (de junho a agosto de 2010). Este período corresponde à data em que aconteceram os dois eventos esportivos aqui investigados (LM¹³ e GP). Segundo o *site*¹⁴ da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), a data agendada para realização da LM foi entre os dias 04 de junho e 25 de julho de 2010, enquanto a do GP foi prevista entre os dias 06 e 29 de agosto de 2010¹⁵.

¹³ A realização da Liga Mundial de Vôlei coincidiu com boa parte da Copa do Mundo de Futebol da Fifa que ocorreu entre os dias 11/06/2010 e 11/07/2010 na África do Sul.

¹⁴ As informações foram retiradas do *site* < <http://www.cbv.com.br/cbv2008/selecao/calendario.asp>>. Acesso em: 16 maio 2010.

¹⁵ A maior duração do evento masculino (LM) quando comparado ao feminino (GP), já aponta uma diferença entre os gêneros. Além disso, essa distinção cronológica de duração dos dois eventos gera um viés metodológico, pois consequentemente o número de matérias referentes a LM foi superior ao do GP.

A opção pela FSP justifica-se por esta se configurar “como o jornal mais representativo no território nacional, [bem como exercer] domínio relativo sobre os outros jornais e outras mídias” (DOMINGUES, 2006, p. 99), além do fato de ser um dos jornais de maior tiragem e circulação nacional.

O acesso aos dados foi efetuado por meio do jornal impresso, recorrendo-se, quando necessário, ao jornal *online*, visto que neste, quando comparado àquele, o conteúdo e a redação das informações são parecidos.

Assim, no jornal impresso, analisou-se somente o caderno de esporte, limitando-se às reportagens, desconsiderando possíveis materiais publicitários associados à elas. Apesar de saber que a triangulação entre informação/entretenimento/publicidade, como relatado anteriormente, caracteriza o discurso midiático (PIRES, 2002), nessa pesquisa optou-se trabalhar com o jornalismo que trata apenas da informação.

Com os jornais em mãos, primeiramente foi efetuada uma leitura exploratória, a fim de se identificar e registrar, sob a forma de uma tabela, as matérias relacionadas à LM e ao GP. Nesta tabela foi anotada a data do jornal, a página em que se encontra a matéria, assim como o título da mesma. Dessa forma, pôde-se quantificar o número de reportagens veiculadas sobre as competições, bem como facilitou a localização dessas reportagens quando necessário voltar às mesmas.

Posteriormente ao registro de todas as matérias que envolveram os dois eventos, realizou-se o procedimento de centimetragem das mesmas, ou seja, a determinação da área das matérias. Então, relacionou-se a área das matérias dos eventos esportivos abordados com a área total do caderno (esporte) em que estavam contidas, a fim de observar-se o espaço que ocupavam nesse caderno do jornal.

Na sequência, a partir da leitura das matérias, foram identificadas categorias gerais extraídas do próprio material empírico. Essa organização permitiu que as matérias jornalísticas fossem sistematizadas e classificadas em agrupamentos temáticos (categorias), permitindo assim uma análise de conteúdo dos dados.

O jornal *online* foi utilizado para complementar o impresso, tanto quando não se conseguiu o jornal impresso para analisar, como quando existiram matérias no jornal *online* que não constavam no impresso. É válido salientar que para o procedimento de centimetragem utilizou-se apenas o jornal impresso (pela impossibilidade de se fazer isso na modalidade *online*), enquanto para os procedimentos de quantificação e categorização fez-se o uso de todas as matérias coletadas, estivessem elas no jornal impresso ou no *online*.

Por fim, os dados coletados foram confrontados, dialogados e relacionados com a fundamentação teórica da pesquisa. Para o levantamento dos artigos que compuseram o quadro teórico, os periódicos da área foram pesquisados por meio de cinco descritores, que são: gênero e esporte, gênero e voleibol/vôlei, gênero e mídia, tele-espetacularização, esporte e mídia.

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Como instrumento utilizado para interpretação dos dados coletados, adotou-se o procedimento da análise de conteúdo, o qual se refere, conforme Bardin (s/d, p. 42), a:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo (ou melhor, análises de conteúdo), não se trata de um instrumento, mas de um composto de apetrechos, que de forma mais rigorosa, pode ainda ser entendida como um único instrumento que possui variadas formas e que se adapta conforme o campo em que é aplicada (BARDIN, s/d).

Com o objetivo de esclarecer o não-aparente retido em uma mensagem, o método da análise de conteúdo pode ser focado tanto a partir de uma perspectiva quantitativa quanto de uma qualitativa. Assim, enquanto a abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de certos elementos da mensagem, a qualitativa recorre a indicadores não susceptíveis a permitir inferências (Ibid.).

Para esta pesquisa utilizou-se os dois enfoques da análise de conteúdo, ou seja, tanto o quantitativo quanto o qualitativo, pois o que se buscou investigar sobre o objeto escolhido, solicitava que fosse feito o uso das duas abordagens. É válido salientar que os procedimentos quantitativos utilizados neste estudo não descaracterizam a pesquisa como sendo qualitativa, visto que eles serviram de elementos para que se conseguisse discutir o campo com mais propriedade.

Para Bardin (s/d), enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo possui duas funções que podem ou não se apresentar de forma dissociada: a primeira delas condiz a uma função heurística, ou seja, quando a análise de conteúdo acresce a tentativa exploratória, aumentando as chances da descoberta. Já a outra função relaciona-se a administração da

prova, a qual busca a confirmação ou negação das hipóteses por meio do método de análise sistemático.

Em se tratando do procedimento de análise dos dados na análise de conteúdo, Bardin (s/d) assinala três etapas básicas a serem executadas: (a) a pré-análise; (b) a exploração do material; e (c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Ibid.).

Nesse sentido, Triviños (1987) procura explicar sucintamente cada pólo cronológico em que a análise de conteúdo está organizada. Dessa forma, considera a pré-análise como o período de organização do material. A descrição analítica, segunda etapa do método, corresponde ao momento em que o “[...] *corpus* [de análise] é submetido a um estudo aprofundado [...]. Os procedimentos como a codificação, a classificação e a categorização são básicos nesta instância do estudo” (p. 161). Por fim, a terceira etapa, ou seja, a fase de interpretação referencial refere-se às conexões das ideias e ao estabelecimento das relações acerca do assunto investigado.

Por meio da unidade de registro temática, que segundo Bardin (s/d) consiste em descobrir o núcleo de sentido que compõe a comunicação, organizou-se os dados da pesquisa, os quais foram agregados em categorias de análise e tiveram sua frequência contabilizada.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, posteriormente, por reagrupamento, conforme os critérios previamente definidos, no caso desta pesquisa o tema. Nesse sentido, as categorias de análise buscam reunir um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento conseguido por intermédio dos caracteres comuns dos elementos pertencentes a respectiva categoria (Ibid.).

Para realizar esse processo de categorização ou de seleção das categorias de análise, baseou-se no *modelo aberto de análise*, assim intitulado por Laville e Dionne (1999). As categorias desse modelo tomam forma no decorrer do processo de análise e são denominadas de empíricas, pois foram extraídas do conteúdo do material de campo. Posteriormente a esse processo de categorização, as categorias foram problematizadas de forma crítica e hermenêutica.

O próximo capítulo refere-se à construção teórica do objeto de estudo, na qual foram abordados temas que o circundam, a fim de melhor esclarecê-lo e de basear a discussão dos dados da pesquisa.

3 ABORDAGEM TEÓRICA

3.1 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO ESPORTE

Atualmente, o esporte tem recebido inúmeros estudos, possibilitando compreendê-lo como uma das mais ricas e complexas experiências humanas. Assim, tratar da complexidade inerente ao esporte é uma tarefa altamente desafiadora, animadora e plenamente possível, desde que seja compartilhada e empreendida por meio da comunhão entre os mais diversos campos do conhecimento e expressão humana.

O esporte é um fenômeno socialmente determinado e configura-se como elemento hegemônico da cultura de movimento da sociedade contemporânea, por isso também da Educação Física inclusive a escolar (PIRES, 1998). Especificamente quando relacionada ao âmbito escolar, a presença excessiva do esporte preocupa, incomoda e levanta uma já antiga discussão sobre seu papel neste contexto enquanto elemento predominante nas aulas de Educação Física.

O caráter educativo está presente em qualquer manifestação esportiva existente, podendo caracterizar-se de forma intencional ou não-intencional, explícito ou de maneira não-explícita. Isto quer dizer que:

[...] existe sempre um conjunto de valores, habilidades, aptidões, conhecimentos e condutas que são aprendidos, consciente ou inconscientemente, na relação que é estabelecida com o esporte, englobando suas dimensões formal ou informal, de rendimento ou de lazer, na condição de prática propriamente dita ou na de assistência ao espetáculo esportivo (PIRES; SILVEIRA, 2007, p. 38).

A respeito disto, Kunz (*apud* MORENO; MACHADO, 2006) traz reflexões interessantes no que tange a utilização do esporte de maneira acrítica, a qual tradicionalmente ocorre na sociedade e na escola:

1) O esporte como é conhecido na sua prática hegemônica, nas competições esportivas nos meios de comunicação (televisão), não apresenta elementos de formação geral – nem mesmo para a saúde física, mais preconizada para esta prática – para se constituir uma realidade educacional.

2) O esporte ensinado nas escolas como cópia irrefletida do esporte-competição ou de rendimento só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso ou vivência de insucesso para a grande maioria.

3) Esse fomento de vivências de insucesso ou fracasso, para crianças e jovens em um contexto escolar, é no mínimo, uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor.

4) O esporte de rendimento segue os princípios básicos da “sobrepujança” e das “comparações objetivas”, os quais permanecem inalterados, mesmo para os esportes praticados na escola onde, por falta de condições ideais, o rendimento não se constitui no objetivo maior da aula. Motivos que podem influenciar a crescente “perda de liberdade e de sensibilidade” do ser, pelo “racionalismo” técnico-instrumental das sociedades industriais modernas e seguidoras destas¹⁶.

Assim, transcendendo-se uma utilização do esporte de maneira acrítica e sendo impossível desconsiderá-lo como conteúdo predominante na Educação Física é necessário o compromisso urgente da Educação Física na tarefa de educar *com/para* o esporte (PIRES; SILVEIRA, 2007).

As manifestações esportivas, contrariamente ao ensino tecnicista de movimentos mecanizados, com base na reprodução e no alto-rendimento, o qual atualmente caracteriza o esporte lecionado nas escolas, devem partir para algo mais significativo e representativo, fundamentado no processo e não no resultado. Vê-se a importância em valorizar o indivíduo em sua totalidade, proporcionando estímulos físicos, cognitivos, afetivos e sociais, estimulando a auto-estima, autoconfiança, iniciativa, autonomia e cooperação, a fim de contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes de sua importância para o seu grupo e capazes de intervir de forma crítica e transformadora na sociedade.

Os aprendizados obtidos por meio dessas manifestações esportivas correspondem aos interesses, objetivos, valores e conhecimentos que estão relacionados a elas, bem como aos seus agentes (pessoas responsáveis em dotar de sentido tais práticas). Diante disto, é

¹⁶ Os termos entre aspas assim estão por manterem-se na forma literal exibidos no artigo MORENO, Ricardo Macedo; MACHADO, Afonso A.. Re-significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 6, n. 8, p. 128-149, jan./jun. 2006.

possível compreender, então, que do mesmo modo que pode haver manifestações esportivas que educam para a emancipação e formação crítica, pode haver também manifestações esportivas que educam para “domesticação e reprodução acrítica de valores, práticas e entendimentos a respeito do esporte” (FREIRE, 1970 *apud* PIRES; SILVEIRA, 2007, p. 38).

Sobre essa perspectiva, Pires (1998), alicerçando-se na sociologia crítica do esporte, realizou um estudo dos processos sociais que se apropriaram do fenômeno esportivo moderno, a fim de perceber como tais processos conferiram determinadas características ao esporte, conforme os interesses de classe, os quais podem ser identificados: funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização do esporte.

Na sequência, ainda com base no estudo de Pires (1998), esses processos são brevemente descritos:

1) Funcionalização do esporte: esse processo refere-se à utilização do esporte como estratégia para a busca de eficácia e produtividade no trabalho. Vinnai (1986 *apud* PIRES, 1998) assegura que a lógica do capitalismo está representada em categorias que podem ser aprendidas e treinadas no esporte: maximização do rendimento, minimização dos gastos, adequação do homem à função, etc. Por meio de organizações, por exemplo, Sesi, Sesc, constituídas para, dentre outras coisas, garantir a continuação da subordinação e da produtividade de seus empregados, as empresas investem em lazer, tendo como resposta dos trabalhadores maior dedicação e empenho no trabalho. Dessa forma, percebe-se que o mundo do esporte “prepara” para a alienação, a qual é condição indispensável ao mundo do trabalho produtivo.

2) Sociabilização pelo esporte: as regras de convivência e de intervenção sociais fundamentam-se em interesses específicos das classes dominantes, ou seja, representam os limites dentro dos quais os indivíduos de uma sociedade ou grupo podem estabelecer relações pessoais, comerciais, políticas etc., sem que isso coloque em risco a manutenção dos privilégios dessas classes. Ao se observar criticamente, percebe-se que no mundo do esporte essas regras são reafirmadas, passando algumas vezes de forma despercebida. Por exemplo, em suma, aprende-se: que a vitória do outro não deve ser indagada – pois, por princípio, ela é justa; que a imposição das regras é necessária para mediar as relações de disputa, objetivando evitar exageros. Em contrapartida, isso proporciona privilégios para a autoridade hierárquica (juízes, dirigentes, técnicos) que deve ser obedecida, ainda que não se concorde com seus atos. Com estas “lições” bem aprendidas, garante-se um relacionamento harmônico entre o cidadão e os demais integrantes de seu grupo social, pois ele encontra-se conformado diante

das injustas diferenças. Dessa forma, pode-se dizer que a sociabilização através do esporte pode ser considerada uma forma de controle social.

3) Ideologização do esporte: esse processo corresponde à utilização do esporte como cortina para interesses nem sempre explícitos. Confirmando-se isto, pode-se citar determinados momentos da história do esporte em que seu potencial político-ideológico torna-se evidente. Por exemplo, é consenso que um dos primeiros fatos que caracteriza esta utilização do esporte como veículo de propaganda ideológica refere-se à Olimpíada de Berlim, em 1936, cujo cenário foi forjado para que Hitler pudesse provar ao mundo sua tese sobre a supremacia da raça ariana. Quando relacionado ao âmbito nacional, pode-se destacar a utilização do tri-campeonato de futebol, no México, em 1970, para esconder as atrocidades da ditadura militar que ocorria no Brasil. Além de todas essas “coincidências”, vale ressaltar que o sistema esportivo de alguns países tem sobrevivido por meio do patrocínio estatal, o qual recebe em troca um controle seguro, mas nem sempre explícito, das relações sociais mediadas pelo esporte. No Brasil, por exemplo, pode-se observar que o voleibol brasileiro – masculino e feminino – é mantido pelo Estado por meio do patrocínio do Banco do Brasil. Logo, o esporte enquanto fenômeno de massa, com forte apelo social, continua sendo foco de apropriação para interesses políticos-ideológicos. Todavia, negá-lo devido ao seu potencial ideológico é ser insano a ponto de se cogitar uma sociedade sem esporte.

4) Mercadorização do esporte: verificando o percurso histórico do esporte, Pires (1998) assinala que a expansão do processo de mercadorização do esporte espetáculo ocorreu com a inserção deste no mercado dos conglomerados industriais asiáticos, os quais possuíam uma filosofia agressiva de *marketing*. Postura essa que originou a busca de estratégias mais eficientes de divulgação dos produtos relacionados ao esporte espetáculo, ocasionando, por sua vez, a massificação desta manifestação nos meios de comunicação e gerando uma cultura esportiva hegemônica, alicerçada na sua capacidade de venda. Complementando essa constatação, Sousa (1991 *apud* PIRES, 1998), com o objetivo de contextualizar a transformação do esporte, de manifestação cultural em mercadoria com valor-de-troca, relata que esse processo provoca a profissionalização hierarquizada do esporte, gerando duas classes: a dos diretamente e a dos indiretamente envolvidos. Na primeira delas encontram-se aqueles responsáveis por despertar a atenção dos espectadores do esporte, também e melhor denominados de consumidores. Entre esses profissionais estão, principalmente: atletas, técnicos e árbitros. Já na outra categoria de profissionais, encontram-se aqueles incumbidos de sustentar o espetáculo, fornecendo condições favoráveis ao seu consumo, tais como:

médicos, psicólogos, administradores, jornalistas etc., ocupações estas que recebem uma nova modalidade: esportivos.

O outro processo, espetacularização do esporte, por se relacionar diretamente com o objeto de estudo dessa pesquisa, recebeu uma atenção diferenciada e foi discutido abaixo de forma mais aprofundada. Por isso, utilizaram-se outros estudos, além daquele realizado por Pires (1998), no qual também é abordado esse processo de apropriação do esporte.

3.2 PROCESSO DE ESPETACULARIZAÇÃO DO ESPORTE

A partir das considerações de Betti (1998), percebe-se que hoje é difícil, para não dizer impossível, fazer menção ao esporte e não relacioná-lo com a mídia. A associação do esporte com o naturalismo e com lazer foi sendo perdida e substituída ao mesmo tempo em que o esporte passou a assumir funções políticas e econômicas, hoje de muito destaque.

Atualmente se vive um momento de ampla mercantilização das relações sociais, em que a subordinação à lógica da produção, impulsiona o papel do espetáculo nas sociedades contemporâneas (VLASTUIN; MARCHI JUNIOR, 2010).

De acordo com Pires (2002) a primeira fase da espetacularização do esporte fez com este se submetesse aos moldes televisivos, veículo privilegiado para mercadorização de bens e serviços que estão relacionados com a atividade esportiva. Desse modo, após inserir a publicidade nos uniformes, foi também aprovada a alteração nas regras de diferentes modalidades, requisito para que fossem incluídas nas grades da programação televisiva. Dentre as mudanças realizadas, se sobressaiu a redução dos tempos inativos e a imprevisibilidade do tempo total da disputa, bem como o estabelecimento de momentos planejados para divulgação do material publicitário concomitante aos jogos. Estas, por sua vez, parecem ter sido medidas decisivas para concretizar a relação estabelecida entre o “mundo” esportivo e o midiático.

Pires (2002) ressalta que a universalização da linguagem esportiva, estabelecida por entidades que comandam o esporte, do tipo: ligas e federações mundiais, e o Comitê Olímpico internacional – COI, contribuiu para essa aceitação e difusão do esporte no mundo. Desse modo, no caso da televisão, se por um lado a comunicação verbal pode se limitar devido ao desconhecimento do idioma utilizado, por outro a linguagem imagética e simbólica do esporte permite a universalização de seu entendimento.

Depois de ter passado pelo momento de adaptação ao espetáculo, o esporte torna-se a própria mercadoria a ser consumida. Esporte e mídia estabelecem uma relação

indissociável e crescente. Assim, ao mesmo tempo em que a mídia populariza as modalidades esportivas, tornando-as mercadoria de alto consumo no mercado mundial, bem como divulgando e agendando¹⁷ os eventos esportivos, também estes trazem benefícios para mídia, através, por exemplo, da venda dos direitos de transmissão dos principais eventos nacionais e internacionais (PIRES, 2002).

Outra característica identificada no atual estágio da espetacularização do esporte é a indiferenciação proposital das diversas manifestações realizada pela mídia. Isto não quer dizer que as diferentes modalidades esportivas estão tornando-se semelhantes, mas sim que o processo de produção, venda e consumo do espetáculo esportivo esteja alicerçado nos mesmos procedimentos técnicos e de iguais interesses mercadológicos (PIRES, 2002).

Nesse sentido, Helal (1997 *apud* PIRES, 2002) defende que existem alguns traços comuns possíveis de serem identificados no espetáculo esportivo independente de como e aonde ele é praticado:

A disposição em cena dos tópicos mais importantes, de modo a serem melhor captados pelas câmeras de TV [...], a individualização dos “artistas”, etapa de construção e celebração dos ídolos, a dependência cada vez maior em relação aos interesses das cotas de publicidade e patrocinadores, a adaptação do formato imposto pelos meios de reprodução massiva [...] [são algumas das características comuns que representam hoje o espetáculo esportivo] (p. 94).

Todavia, negar e ir de encontro a essa nova ordenação do fenômeno esportivo pode fazer com que uma modalidade seja reprimida e não ganhe visibilidade social, o que por sua vez é imprescindível para que o esporte “sobreviva” ao sistema esportivo (PIRES, 2002).

Como consequência da relação estabelecida entre esporte e mídia, a maneira como se percebe e pratica o esporte foi sendo alterada, de forma gradativa e rápida, tendo como elemento principal para ocorrência dessa transformação o espectador. Este, até o início do século XX, ainda tratava-se, majoritariamente, do espectador corporalmente presente nos ginásios e estádios. Fato que se modificou a partir da década de 1960 com a disseminação das transmissões ao vivo dos eventos esportivos e com o surgimento de uma nova figura na dinâmica esportiva: o telespectador, o qual passa a consumir de casa, concomitantemente, o mesmo e um diferente evento que antes presenciava nos locais de sua realização (BETTI, 1998).

¹⁷ Trata de descrever, anunciar, antecipar um evento esportivo ao público. “O telespectador, o ouvinte ou o leitor recebe uma certa antecipação de um acontecimento que irá ocorrer do qual é convidado a participar, convencido de que se realize o que lhe foi anunciado” (BIANCHI; HATJE, 2006, p. 167).

Pires (1997 *apud* PIRES, 2002) destaca que o espectador, presente no local do evento, e o telespectador, que assiste por meio da televisão, consomem espetáculos distintos. “A assistência ‘ao vivo’ e pela televisão de um mesmo espetáculo esportivo tem, como diferença fundamental entre si, a técnica de recolhimento e o processamento das imagens” (HATTING, 1998 *apud* PIRES, 2002, p. 97).

Logo, a pessoa que presencia corporalmente o espetáculo esportivo consegue perceber a dinâmica do jogo de forma integral, diferente dos telespectadores que se limitam à parte do jogo que é veiculada. Isso acontece porque, apesar de num espetáculo conter várias câmeras, apenas uma das imagens captadas pode ir ao ar de cada vez, as quais são escolhidas pelo diretor de imagem que determina aquilo que o telespectador vai ou não assistir (PIRES, 2002).

Esse processo de reconstrução eletrônica da experiência traz consequências na significação atribuída por cada receptor. Betti (1998) aponta que uma consequência imediata refere-se à fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, visto que a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para seus consumidores, propondo um certo “modelo” do que é esporte.

A televisão tornou seus espectadores especialistas em assuntos esportivos, pois possibilita que acompanhem eventos, personalidades e equipes com detalhes. Informa estatísticas e indicadores do rendimento de atletas e times para um grande público; oferece uma melhor visão do evento esportivo e mostra uma característica peculiar: o *replay*, o qual pode inclusive gerar controvérsias (BETTI, 1998).

Sobre isto, Betti (1998) mostra que, para além do esporte espetáculo surge também o esporte telespetáculo, ou seja, aquele construído pela televisão. Esta sugere uma visão de evento esportivo condicionada “a repetição obsessiva dos lances mais violentos ou espetaculares, o fanatismo da torcida, a euforia da vitória etc.” (p. 36), facilitando a comercialização do esporte, pois permite a ênfase em tudo o que mais interessa aos investidores, e produz uma visão artificial do esporte em combinação com uma linguagem “guerreira”, ampliando o falso drama que ocorre no campo ou nas quadras.

A partir desse autor, Pires (2002) elaborou de forma mais sintética e sistemática o conceito de esporte telespetáculo como sendo “uma realidade textual autônoma, tecnicamente reconstruída no tempo/espço virtuais decorridos entre a sua captação, nas próprias instalações esportivas, e a sua recepção através dos aparelhos domésticos de televisão” (p. 96).

Conforme Betti (2001), esse esporte telespetacularizado, moldado pela mídia, o qual o autor denomina de esporte *da* mídia, possui algumas características que o identificam e que são pertinentes se destacar aqui. Contudo, antes, é necessário mostrar rapidamente por que Betti (2001) utiliza a expressão “esporte *da* mídia”.

Essa denominação é oriunda da discussão sobre o que seria o esporte *na* mídia e esporte *da* mídia. De acordo com Betti (2001), se o esporte está na mídia, ele é na verdade um esporte da mídia. Veicular o esporte *na* mídia corresponderia conceber que a mídia é capaz de abordar o esporte em sua inteireza, o que não seria possível por, pelo menos, dois motivos: a) a natureza e as limitações de cada mídia; b) e porque cada mídia possui um papel específico. Isto quer dizer que o esporte é sempre mediado pelos interesses dos meios (BETTI, 2001).

Retomando as características do esporte *da* mídia, Betti (2001) declara cinco delas centrando-se no caso da televisão:

1) Ênfase na “falação esportiva”: inspirado em Eco (1994 *apud* BETTI, 2001), relata que a mídia preocupa-se em *informar e atualizar*: quem ganhou, quem foi contratado ou vendido e até a respeito da vida pessoal dos atletas; em *contar a história* das partidas, lutas e corridas, que é construída e reconstruída, pontuada pelos melhores momentos: os gols, as ultrapassagens, os acidentes; em *criar expectativas*: qual será o time convocado?; em *fazer previsões*: qual será o resultado do jogo? Quem vencerá?; em *explicar e justificar*: quais foram os motivos para que a equipe ter ganhado ou perdido?; em *prometer* emoções, vitórias, medalhas; em *criar polêmicas e construir rivalidades*: foi pênalti ou não? em *criticar*, colocando em dúvida as ações dos árbitros e dos técnicos; em *eleger ídolos*: o craque, o mais veloz, o gigante; e, por fim, se possível, a falação *dramatiza*.

2) Monocultura esportiva: no Brasil, pode-se verificar na mídia que os programas destinados ao esporte ou mesmo aqueles que não são, mas veiculam algumas matérias sobre tal, bem como as transmissões ao vivo, enfatizam os eventos relacionados ao futebol. Betti (2001) afirma que essa característica tornou-se mais presente nos últimos anos, “provavelmente porque as empresas descobriram [nessa] modalidade esportiva uma melhor relação custo-benefício para a publicidade” (p. 02).

3) Sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo: o esporte telespetáculo busca valorizar mais a forma do que o conteúdo, pois é característica marcante da mídia televisiva utilizar a linguagem audiovisual, combinando imagem, som e palavra. Porém, também na mídia impressa, as palavras vêm perdendo espaço para as imagens – fotos, gráficos e outros artifícios são produzidos com sofisticação e qualidade devido aos avanços da informática/computação.

4) Superficialidade: faz parte da cultura da mídia o efêmero, o breve, o descontínuo, sobressaindo os eventos em oposição aos processos. O que prevalece são os resultados. A síntese da informação é o mais importante, mesmo que tal possa ser prejudicada pela omissão dos detalhes.

5) Prevalência dos interesses econômicos: por fim, mas não menos importante, a lógica das mídias acata interesses econômicos, exaltando na televisão os índices de audiência, e claro, os informes publicitários, comuns no esporte telespetáculo. Os índices de audiência são mantidos por meio de um ciclo vicioso, em que os produtores decidem o que o público quer ver. Só lhe oferecem isso e não sabem se o mesmo prefere algo distinto, pois frente aos produtores ele é visto como homogêneo. Como não há outras opções, o público confirma a audiência dos modelos tradicionais.

Na esperança de um dia se conseguir modificar e transcender essa situação, Betti (2001) lança o desafio do que se deveria ler, ouvir e olhar, caso houvesse o esporte na sua inteireza, ou seja, o esporte *na* mídia:

a cobertura de várias modalidades esportivas, inclusive as que ainda são predominantemente amadoras; a presença de informações/conteúdos científicos (biológicos, socioculturais, históricos) sobre a cultura esportiva; análises aprofundadas e críticas a respeito dos fatos, acontecimentos e tendências nas várias dimensões que envolvem o esporte atualmente (econômica, administrativa, política, treinamento, tática etc.), considerando o passado, o presente e o futuro; as vozes dos atletas (profissionais e amadores) enquanto seres humanos integrais, e não apenas como máquinas de rendimento, nos falando sobre a experiência global de praticar esporte; uma maior interação com os receptores, considerados indivíduos singulares, instaurando um verdadeiro processo de comunicação (p. 03).

Para aumentar o desafio, tudo isso teria que estar associado aos aspectos próprios de cada mídia, buscando preservar o modo espetacular que atrai seus adeptos, sejam eles leitor, ouvinte e/ou telespectador.

Apesar de já apresentado e esclarecido o processo de espetacularização do esporte, não há forma de melhor compreendê-lo do que tomando como exemplo um esporte em que tal processo pode ser claramente evidenciado: o voleibol.

3.3 O VOLEIBOL COMO EXEMPLO DE ESPORTE ESPETACULARIZADO

De acordo com Marchi Junior (2004), a televisão teve papel fundamental para a ascensão do voleibol no Brasil, não apenas porque as emissoras de televisão simplesmente “passaram a gostar do voleibol” e sim por uma “multicausalidade” e jogo de interesses. A

capacidade desse meio de comunicação de aglutinar pessoas, das mais diversas regiões e classes sociais, foi responsável pelo redirecionamento e aumento dos investimentos da iniciativa privada e de estatais na modalidade. Em contrapartida, como valor-de-troca do esporte, era garantido o retorno publicitário crescente e menos caro às empresas, além de servir, como já relatado anteriormente, de pano de fundo para exibição de interesses político-ideológicos por parte do Estado.

Por meio dessa oferta aos seus patrocinadores, de maiores retornos publicitários com menores gastos às empresas, o voleibol garantiu substanciais recursos financeiros para aprimoramento de suas equipes. Provavelmente, caso não houvesse essa interdependência com a iniciativa privada, o voleibol poderia não ter alcançado, como ocorrido, a aceitação e a popularidade, decorrentes de conquistas nacionais e internacionais significativas. Conquistas estas que despertam interesse pelas transmissões e coberturas televisivas (MARCHI JUNIOR, 2004).

Sobre a popularização do voleibol, Bizzochi (2004 *apud* MEZZARROBA, 2004) destaca dois acontecimentos: a inserção de camadas sociais mais baixas no esporte, fato que comumente não acontecia nas décadas anteriores aos anos 90 por ser considerado de elite; e a diminuição do nível cultural do atleta profissional, devido ao abandono dos estudos para dedicar-se integralmente ao profissionalismo.

A incursão do voleibol na mídia concretizou o sucesso da modalidade, enquanto esporte de massa¹⁸ no cenário brasileiro, a qual, posteriormente, apresentou-se como um atrativo negócio financeiro com via de mão-dupla, isto é, o voleibol e as empresas necessitam da mídia, assim como a mídia precisa dos espetáculos esportivos para fomentar o consumo de seu público (MARCHI JUNIOR, 2004).

Com isto, reconhece-se na história do voleibol, mais especificamente na década de 1990, o momento em que ocorre a nítida espetacularização do esporte, pautada nas estruturas e disposições de um esporte que massificou não só para sua prática, mas, principalmente, para o potencial de consumo que ele é capaz de gerar (Ibid.).

A televisão, ao tratar o esporte como um espetáculo mercantilizável, determinou alterações para superar particularidades que dificultavam sua melhor comercialização e, conseqüente, consumo, dentre as quais se destaca as mudanças nas regras da modalidade (Ibid.). Dessa forma, “a orientação para o espetáculo exigiu das entidades diretivas do

¹⁸ Conforme Marchi Junior (2004), entende-se como massificação do voleibol, além do elemento quantitativo da prática do esporte, a tendência de encaminhar a modalidade para uma perspectiva consumista.

voleibol uma readaptação da modalidade nos conceitos de competitividade, emotividade, dinâmica e duração das partidas” (MARCHI JUNIOR, 2004, p. 191).

Então, na medida em que o voleibol ganhava poder simbólico, estruturado nas mesmas medidas da sociedade de consumo, perdia gradativamente sua “essência”, que foi a criação do esporte como lazer (MARCHI JUNIOR, 2004).

No entanto, a subordinação do voleibol ao modelo espetacularizado pela mídia foi de suma importância, já que a alta *performance* alcançada pelas equipes estava tornando as competições desestimulantes (VLASTUIN; MARCHI JUNIOR, 2010). Caso não houvesse sua midiaticização, a modalidade poderia ter sofrido maiores prejuízos, como quando (1981-1982), durante a história do esporte, o voleibol foi descartado da programação da Rede Globo por causa da longa duração das partidas e da imprevisibilidade do tempo de sua transmissão (MARCHI JUNIOR, 2004).

Sobre essa adequação do voleibol ao contexto mercantil empresarial dos meios de comunicação, Carlos Arthur Nuzman (1995 *apud* MARCHI JUNIOR, 2004), atual presidente do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), relata que:

A televisão ampliou o impacto que o esporte exerce sobre as relações comerciais e política, e mudou o perfil do evento esportivo. Hoje, a televisão desempenha papel de fundamental importância na escolha dos esportes a serem disputados e como serão disputados (p. 191).

Obviamente, as modificações das regras do voleibol não são exclusividade da década de 1990. Elas também ocorreram em outras datas, claro, conforme objetivos que variaram de acordo com a história da modalidade. Entretanto, não convém nesse estudo evidenciar todas as alterações das regras, mas somente aquelas que visavam contribuir para confirmação do esporte como espetáculo midiaticizado, pois estas sim relacionam-se diretamente com o objeto dessa pesquisa (MARCHI JUNIOR, 2004).

Nessa perspectiva, constata-se que, a partir de 1986, no Simpósio de Lausanne/Suíça, a FIVB decidiu acatar as exigências da mídia para expor com mais intensidade o espetáculo voleibol. Nesse sentido, com o objetivo de reduzir o tempo dos jogos e de aumentar as chances da defesa, em 1988 foi adotado o sistema de *tie-break* no quinto *set* e admitido utilizar qualquer parte do corpo na ação defensiva. No mesmo período, incluiu-se o tempo técnico no oitavo ponto de cada *set*, a fim de exibir os patrocinadores (MARCHI JUNIOR, 2004).

Sequencialmente ao Congresso Técnico do Mundial de Atenas/Grécia, em 1994, outras tantas mudanças reconfiguraram o voleibol no campo esportivo. Alguns exemplos adiante confirmam essa constatação.

Com o intuito de deixar os jogos mais espetaculares, e concomitantemente, mais viáveis para as transmissões e previsões de horários de televisão, permitiu-se a defesa voluntária com os pés, os contatos sucessivos em partes do corpo ao mesmo tempo no primeiro toque, bem como instituiu-se o tempo técnico (MARCHI JUNIOR, 2004).

Em 1996 a FIVB oficializou a presença do líbero no voleibol, função desenvolvida para o atleta otimizar a defesa e a recepção de sua equipe, aumentando o “*rally*” do jogo, todavia não podendo atacar ou sacar. Com isso, ficou claro o aparecimento do trabalho de especialização dos atletas (MARCHI JUNIOR, 2004).

Na temporada 1998/1999 da Superliga Nacional, experimentou-se o uso do sistema de 25 pontos corridos sem vantagem nos *sets*. Esse sistema obteve sucesso e levou à oficialização da regra para o Mundial do Japão, realizado em 1998. Com adoção desse novo sistema, o tempo de jogo diminuiu e o voleibol caracterizou-se melhor como esporte-espetáculo, visto que se adequou às grades televisivas. Já em 1999, foi introduzida a regra que admitia o saque “queimado” – aquele em que a bola toca na rede (MARCHI JUNIOR, 2004).

Como último exemplo, em 2009, foi introduzida uma nova tecnologia no Brasil em parceria com as marcas Penalty, 3RCorp e a CBV: a bola inteligente de *chip*, a fim de auxiliar os árbitros nas marcações e esclarecer jogadas duvidosas (VLASTUIN; MARCHI JUNIOR, 2010). Outras estratégias, como o uso de bolas coloridas, permitindo um melhor acompanhamento do jogo pelos telespectadores, e uma maior relação dos técnicos com os atletas foram também transformações propostas para melhoria do espetáculo voleibol junto à televisão (Ibid.).

Essas mudanças, apesar de desencadearem resistência em alguns protagonistas do mundo do voleibol, também foram, por outros, facilmente aceitas, como demonstra o depoimento do técnico Radamés Lattari Filho¹⁹ (1999 *apud* MARCHI JUNIOR, 2004, p. 193):

[...] Não se deve falar mal do produto. A parte técnica não convém, porém, aumentou a audiência, o jogo ficou mais emocionante, o público retornou aos ginásios e não dorme durante as partidas, o jogo dura no máximo duas horas [...].

¹⁹ Radamés Lattari Filho foi técnico de vôlei do Flamengo de 1977 a 1979 e em 1984, conquistou muitos títulos por diversos clubes e mais tarde comandou a Seleção Brasileira masculina, campeã da Copa do Mundo de 1997 e da Copa América em 1998. Ainda dirigiu a equipe nos Jogos Olímpicos de Sidney 2000.

Sendo assim, percebe-se que as alterações ocorridas no voleibol aprimoraram a forma da modalidade como produto de comercialização não só para televisão, mas para outras mídias, sendo supervalorizado o poder do capital econômico em detrimento do capital esportivo. O voleibol ganhou um poder simbólico, estruturado nas mesmas medidas da sociedade de consumo (MARCHI JUNIOR, 2004). Nesse sentido, é relevante que se discuta como algumas modalidades esportivas, como o caso do voleibol, configuraram-se em produtos a serem veiculados/consumidos pela mídia.

3.4 A MÍDIA E O ESPORTE

3.4.1 A mídia impressa²⁰

A mídia impressa é um dos, se não o mais antigo dos meios de comunicação ainda presentes na sociedade atual. Ela resistiu a embates da tecnologia e das mudanças sociais. Repressão política, revolução industrial, invenções para vencer distâncias, guerras, migrações, recessão econômica, surgimento da TV etc., foram algumas das ocorrências absorvidas por ela (mídia impressa) (DINES, 1986).

Segundo informações presentes no *site*²¹ da Associação Nacional de Jornais (ANJ), há séculos as civilizações utilizam a mídia impressa para divulgar notícias e informações para as massas. Exemplificando essa constatação, já no século XVIII (por volta de 1750) foi impressa a 1ª Bíblia Sagrada da Igreja Católica. Além disso, as práticas corporais tem registros históricos com mais de dois mil anos antes de Cristo (DOMINGUES, 2006).

Ainda conforme dados presentes no *site*²² da ANJ, no Brasil, a imprensa surgiu tardiamente, assim como foram tardios o ensino superior, a independência política e a abolição da escravatura. Estes fatores, por sua vez, geraram um legado de analfabetismo e concentração da renda que, sentidos até hoje, foram determinantes para evolução da imprensa brasileira, uma vez que os mesmos impediram que o público leitor nacional atingisse o percentual registrado em países com economia de porte semelhante ou superior.

Como marcos fundadores da imprensa brasileira, a ANJ levanta duas datas. A primeira delas refere-se ao lançamento, em Londres, do *Correio Braziliense*, em 1º de junho

²⁰ Para fundamentação do histórico da imprensa, mundial e brasileira, utilizou-se as informações presentes no *site* da Associação Nacional de Jornais (ANJ): <<http://www.anj.org.br>>.

²¹ Informações retiradas do *site* <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianomundo/historiadojornal.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

²² Informações retiradas do *site* <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/arquivos-em-pdf/Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2010.

de 1808. E, a segunda, condiz à criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro, também de 1808.

Desde lá a imprensa brasileira tem passado por diversas adaptações, reformulações e desafios, seguindo de acordo com as ocorrências históricas do país. Na segunda metade do século XIX, por exemplo, o desenvolvimento dos jornais intensificou-se: os títulos mais fortes mudaram de formato, abandonando o tamanho pequeno, característico da fase inicial. Os jornais incorporaram prelos mais modernos e instalaram-se em prédios construídos especialmente para abrigá-los. Todavia, os vários períodos sob regime de exceção, em particular as fases mais repressivas da Era Vargas (1930-1945) e os Governos Militares (1964-1984), afetaram de diversas formas e diminuíram e/ou estagnaram temporariamente o desenvolvimento da atividade jornalística nacional.

No século XXI, com a intensificação das novas mídias, como a TV por assinatura e a *internet*, a imprensa brasileira teve que enfrentar uma maior concorrência pela preferência do cidadão na escolha de suas fontes de informação. Dessa forma, os jornais tiveram que se aprimorar técnica e gerencialmente, buscando se adaptar a esse novo cenário. Assim, ao mesmo tempo em que se generalizaram as versões digitais, no caso de alguns jornais que disponibilizam suas edições *online*, gratuitamente ou de forma privada, as edições impressas seguiram inovando e novos títulos surgiram nas principais cidades do país.

Especificamente sobre sua versão impressa, objeto utilizado nessa pesquisa, os jornais possuem características peculiares que os identificam, as quais estão relacionadas também com o consumidor/leitor²³. Na sequência, essas características serão expostas de maneira pontual.

O jornal pode possuir caráter local, nacional e/ou internacional, apresentando notícias sobre diversificados assuntos, como política, economia e esportes, os quais estão divididos em cadernos para facilitar a leitura. O jornal também pode ser lido na hora e no lugar mais convenientes, bem como relido, ou seja, guardado e aprofundado (DINES, 1986).

Sobre o leitor, Tamanaha (2006) e Pires (2008) relatam que os jornais parecem ter destinação para um perfil específico de consumidor: aqueles considerados “formadores-de-opinião”. Isso pode ser explicado pelo fato de o consumo do jornal envolver uma dimensão econômica (precisa de renda para ser adquirido) e também por exigir compreensão da palavra escrita, sendo que no Brasil a leitura não se constitui como habilidade universalizada.

²³ Ao ser utilizado o termo leitor, estar-se-á referindo também ao consumidor, visto que para haja leitura precisa-se obrigatoriamente consumir o produto, neste caso, o jornal.

Além disso, por registrar a palavra, o jornal confere credibilidade e estabelece compromisso formal com o leitor (TAMANAHA, 2006). Esta última tanto é verdade que existe um espaço na maioria dos jornais, coordenado por um profissional chamado *ombudsman*, o qual possui a função de receber críticas, sugestões e elogios dos leitores.

Outro aspecto relevante que identifica o jornal e que merece ser destacado refere-se à perda da instantaneidade da informação. De acordo com Pires (2008, p. 23):

O jornal, [...], por não estar submetido totalmente à velocidade imposta à informação como a TV e o rádio, permite uma melhor negociação entre consumidor/leitor e mídia, possibilitando a contextualização e o detalhamento a respeito de matérias jornalísticas apresentadas de forma sumária nas mídias eletrônicas.

Nesse sentido, os resultados de um campeonato de futebol que poderão ser divulgados, por exemplo, pela TV no mesmo dia ou hora em que ocorreram, no jornal, farão parte do caderno de esporte, somente no dia seguinte. Todavia, é provável que essas mesmas matérias quando veiculadas pelo jornal sejam minudenciadas e acrescidas de alguma informação que as citadas na TV, tendo em vista a busca pelo “novo” o “inusitado”. Isso pode ser previsto porque, ao explorar um determinado conteúdo, o jornal assume outra característica que lhe é própria: preocupa-se em formar uma opinião mais concisa e abrangente dos fatos e não somente informar o leitor.

É válido salientar que a recíproca é verdadeira, ou seja, quando é o jornal que aborda primeiramente o assunto, a televisão assume o papel de complementaridade. Essa relação dos meios de veicularem a mesma informação pode ser mais bem explicada pelo *princípio da circularidade circular da informação* destacada por Pierre Bourdieu (1997).

De acordo com esse autor, para construção de uma notícia, ou seja, o que se vai dizer, torna-se necessário antes saber o que as demais mídias estão veiculando. Bourdieu (1997) relata que ninguém lê tanto jornal quanto os próprios jornalistas. Dessa forma, como efeito dessa interleitura, para fazer as manchetes do jornal televisivo do meio-dia, por exemplo, precisa-se ter lido os jornais da manhã. Com isto, consegue-se perceber a procedência da homogeneidade da informação.

A respeito do processo de formação do leitor realizado pelo jornal, alguns estudos apontam que existem dois modos de conceber o trabalho jornalístico utilizado na construção de uma determinada matéria. O primeiro, mais antigo, possui uma visão do jornalismo como técnica de registro e veiculação da realidade. Já o segundo, mais atual, atribui ao jornalismo o

papel não apenas de mediador, mas também de produtor de sentidos em que há construção e não reprodução da realidade, como se pressupunha há algum tempo (BORELLI, 2002a).

Sobre estas duas perspectivas, o presente trabalho aqui desenvolvido corrobora da ideia colocada pela segunda, em que o jornalismo, e fazendo parte dele a mídia impressa, entende que “a atividade jornalística é de produção de sentido, não se tratando de um lugar neutro, de passagem, mas de operação de sentidos, instituído por transações entre campos e atores sociais” (BORELLI, 2002a, p. 59).

Dessa forma, conforme alerta Borelli (2002a), cada jornal ao realizar a cobertura jornalística de um determinado fato ou fenômeno, atribui a este existência pública e visibilidade social. Todavia, isto acontece de maneira peculiar, a depender da organização interna dos jornais, a qual abarca, dentre outras especificidades, a disponibilidade e o orçamento para cobrir os fatos, projeto gráfico, estabelecimento de prioridades, visão de mundo dos seus agentes (não só os jornalistas, mas diretores, gerentes, editores, revisores, diagramadores, etc.).

De acordo com Fausto Neto (1999 *apud* BORELLI, 2002a, p. 61):

[...] as mídias têm muitas características singulares: estruturam e estruturam-se no espaço público; atuam no espaço público através de competências próprias; o processo de visibilidade que as mídias dão às diferentes falas produzidas pelo espaço público passa por um conjunto de “*leis*” e condições de produção internas ao seu campo; os diferentes campos sociais não dependem do campo midiático para sua existência, mas encontram nele visibilidade e uma instância de legitimação; o campo das mídias cumpre o papel de articulador entre os campos sociais e não faz de forma passiva sua tarefa *mediatizadora*.

Nesse sentido, cada jornal constrói o seu próprio acontecimento, concebendo uma perspectiva particular de realidade, visto que o jornalismo se constitui num sistema de codificação e produção da realidade, que vai ao encontro com as regras internas, rotinas próprias e códigos inerentes ao seu campo. Neste caso, o jornal não é apenas agenciador, mas operador de práticas, falas e sentidos que provêm de inúmeros campos sociais (BORELLI, 2002a).

Em suas veiculações, pode-se perceber também que as mídias, além de atribuírem ao fato um sentido, realizam uma hierarquização sobre aquele, por exemplo, na mídia impressa, estampando em sua capa as chamadas consideradas mais importantes ou mais interessantes (?), e deixando os demais para a parte interna.

Acerca dessa discussão, Bianchi e Hatje (2006) ajudam a compreender melhor essa relação estabelecida entre as notícias importantes e as interessantes. De acordo com as

autoras, as informações publicadas são formadas conforme seus valores-notícia, isto é, o julgamento de um fato a partir do ponto de vista da importância (de interesse público) ou do interessante (de interesse *do* público). Conseqüentemente, estes valores definem se tal fato será ou não notícia, assim como o grau de importância que lhe será oferecido.

Bianchi e Hatje (2006) destacam que ao se discutir o valor *importância* ou *interesse público*, “remete-se a um caráter objetivo dos acontecimentos noticiados, às características substantivas das notícias” (p. 169). Já ao se discutir o valor *interessante* ou de *interesse do público* é importante considerar que tal não prioriza o significado político, social e cultural do acontecimento, mas preocupa-se com a capacidade que o acontecimento possui de promover a curiosidade, criar expectativas, prender o imaginário e despertar a atenção do público (BIANCHI; HATJE, 2006).

Chegando-se ao fim da reflexão sobre mídia impressa, objeto de estudo dessa pesquisa, preocupa, caso tenha transparecido, uma possível intenção de beneficiar aspectos do jornal, devido à demasiada exposição de suas características (algo natural), bem como a realização de comparações com outras mídias (necessário para contextualizar), por exemplo. Todavia, destaca-se que este não é o objetivo desse trabalho e tampouco omite-se as características dos outros meios, elas apenas não cabem nesse momento.

Além disso, a partir dessas comparações entre a mídia impressa e a mídia eletrônica, principalmente a TV, prevê-se que talvez surjam algumas indagações, tais como: “A mídia eletrônica vai liquidar a impressa? Um determinado meio de comunicação se esgota? Esvai-se um tipo de comunicação com o advento do outro?” (DINES, 1986, p. 65).

Conforme alerta Dines (1986), essas dúvidas são naturais quando se percebe o poder comunicativo da TV. Todavia, ainda não se registrou o desaparecimento de um sistema de veículos, sendo que a permanência deles não é fruto de magia nem de mística. Segundo Moles²⁴ (1971 *apud* DINES, 1986) a resposta para essa questão dá-se pelo fato dos canais de comunicação serem uma representação dos sentidos. Cada mídia dirige-se e é absorvida por determinado mecanismo sensorial. Nessa perspectiva, os veículos impressos estimulam a visão; os sonoros, como o rádio, destinam-se a audição; e as mídias eletrônicas “alimentam” combinadamente a visão e a audição.

Assim, pode-se constatar que não existe melhor ou pior veiculação por determinado meio e tampouco que esta ou aquela mídia produz melhores resultados. Exemplificando tal constatação, nota-se que uma apresentação oral para um público que

²⁴ MOLES, Abraham (Org.). **La Communication**. Paris: Ed. Denoël, 1971.

possui índices culturais mais baixos terá maior sucesso que uma mensagem escrita. Da mesma forma, provavelmente um público com índices culturais mais elevados optará a comunicação impressa à sonora (DINES, 1986).

Por fim, percebe-se que “o aparecimento e a consagração de um veículo áudio-visual como a TV não destrói a necessidade de um veículo apenas sonoro ou visual” (Ibid., p. 67). As mídias não se atrofiam porque os sentidos (audição, visão, etc.) também não se atrofiam. Dessa forma, a TV não liquidou o rádio nem o jornal, bem como a revista a cores não erradicou o livro e tampouco o jornal da metrópole acabou com a imprensa do interior (DINES, 1986).

3.4.2 Jornalismo esportivo²⁵

De acordo com Freitas Filho (1985) o esporte e o jornalismo vem estabelecendo uma estreita relação que atinge qualquer parte do mundo, estando ela sob regime capitalista ou não, pois os dois são, de certa forma, atividades que se complementam.

Assim, nos países que foram e nos que hoje continuam sendo ou tentando ser socialistas, enquanto o esporte foi/é utilizado para doutrinar as pessoas, o jornalismo tem a função de promover e difundir as práticas, agindo como um braço do Estado. Isso também se repete no mundo capitalista, porém com outros objetivos, pois ainda que estejam presentes os “poderes dominadores” do esporte, o componente econômico se torna mais evidente. Nesse modelo econômico, “o jornalismo, como atividade empresarial, serve-se da fascinação do esporte para transformá-lo em lucro e prestígio” (FREITAS FILHO, 1985, p. 51-52). Com isso, além das empresas, as entidades esportivas também são beneficiadas.

Todavia, no Brasil, nem sempre jornalismo e esporte mantiveram essa estreita relação. Conforme Coelho (2003), no início do século XX, por exemplo, pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. Presumia-se que até mesmo o remo, esporte mais praticado na época, nunca estamparia as primeiras páginas de um jornal. Tinha-se essa convicção, por que como poderia uma vitória nas piscinas, nos campos, nos ginásios ou nas quadras ser mais importante que uma decisão sobre a vida política do país?

Coelho (2003) relata que na época não existia o que hoje se pode chamar de jornalismo esportivo. Todavia, para o desenvolvimento deste, duvidar do “poder” do esporte foi necessário. Tudo foi registrado, desde o primeiro saque até a primeira cesta no Brasil,

²⁵ Ao longo deste tópico de discussão, quando aparecer o termo “jornalismo esportivo” este se refere especificamente ao jornal impresso.

claro que meio a contragosto. Nas redações do passado – ainda pode-se verificar isso na atualidade – havia sempre alguém para diminuir o espaço dedicado ao esporte (Ibid.).

O marco do surgimento do jornalismo esportivo no Brasil ocorreu somente nos anos 30 com o surgimento do jornal intitulado “*Jornal dos Sports*” no Rio de Janeiro, o qual correspondeu ao primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. A partir daí os demais diários começaram a enfatizar o esporte e a incluí-lo em suas redações. Mas, foi somente no fim da década de 1960 que os grandes cadernos de esportes fizeram parte dos jornais, de forma mais presente e volumosa, o que levou o Brasil a constar na lista dos países que detém imprensa esportiva de larga extensão (Ibid.).

Segundo Freitas Filho (1985), o jornalismo esportivo no Brasil nasceu, cresceu e instituiu um estilo singular de coberturas, principalmente no rádio e no jornal impresso. No rádio por meio da sua facilidade de penetração. E, no jornal impresso devido a sua propriedade de perpetuação.

Sabe-se hoje que, tendo o esporte se fortalecido no país, qualquer jornal de média e grande circulação precisa dedicar um significativo espaço a ele (esporte). O que antes não possuía valor frente à imprensa, posteriormente, passou a ser tão enfatizado ao ponto de não ser mais possível esquecê-lo ou excluí-lo, por exemplo, dos jornais diários.

Entretanto, a valorização do fato esportivo pelos meios, inclusive pelo jornal impresso, como relatado anteriormente, não surgiu sem intencionalidade. Os “industriais da imprensa” ao perceberem que o esporte encerra em si uma pujança social, até então pouco explorada pelas mídias, vislumbraram nele (o esporte) uma fonte de lucros e, concomitantemente, um instrumento para manipulação das massas (FREITAS FILHO, 1985).

Assim, a notícia esportiva foi gradativamente conquistando seu espaço e força dentro do jornal, até tornar-se atualmente uma espécie de núcleo autônomo que possui a sua própria editoria, corpo de repórteres, redatores e cronistas. O noticiário esportivo se especificou de tal forma que gerou dentro do jornalismo, além da categoria profissional (jornalista esportivo), também subcategorias de especialização conforme determinada modalidade esportiva (Ibid.).

De acordo com Sousa (2007), a cobertura midiática, e por isso também a esportiva, possui três importantes características: a acumulação, a onipresença e a consonância. A definição de acumulação relaciona-se a “capacidade que os meios possuem para criar e manter a relevância de um tema ser o resultado global do modo como funciona a cobertura informativa no sistema de comunicação de massa” (p. 153).

Já a onipresença relaciona-se à disseminação quantitativa das mídias, e também à mobilização destas para levar ao público informações de “tudo” referente a determinado fato, como se pudesse estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Essa situação enfatiza a disponibilidade para mídia difundir seu ponto de vista, a qual se torna preocupante quando se pensa naqueles que não formaram ainda uma opinião própria (SOUSA, 2007).

Por fim, a consonância corresponde ao fato das semelhanças existentes nos processos produtivos da informação tenderem a ser mais expressivas do que as diferenças. Isto faz com que as matérias construídas possuam mensagens mais semelhantes do que dessemelhantes (SOUSA, 2007). Nesse sentido, torna-se compreensível o porquê da existência de temas/categorias comuns que contemplam as matérias veiculadas sobre diferentes eventos esportivos, ou sobre um mesmo evento esportivo coberto por mídias diferentes, ou até mesmo sobre eventos esportivos de igual natureza que possuem naipes masculino e feminino.

Sobre o processo de construção das matérias esportivas, Freitas Filho (1985) relata que existem basicamente dois modos de cobrir jornalisticamente uma determinada atividade. A primeira delas é a cobertura factual ou circunstancial, a qual se ocupa do fato em si, no momento de sua ocorrência. Já a outra é a cobertura sequencial ou permanente, que possui como objetivo abordar o antes e o depois do fato, indo para além do dia-a-dia de sua existência.

No esporte, por tempo, as coberturas circunstanciais se sobrepuseram às permanentes. Isso porque ainda não se acreditava no “domínio” do fenômeno esportivo e tampouco que os acontecimentos diários relacionados a este, como treinos e concentrações, conseguissem vender mais jornais (FREITAS FILHO, 1985).

Todavia, ao passo em que a programação esportiva se desenvolvia, eram criados novos espaços para ela. Foi, então, por meio do trabalho com a cobertura permanente que os veículos conseguiram, efetivamente, desenvolver o seu jornalismo esportivo (FREITAS FILHO, 1985). Com isto, consegue-se entender o motivo de supervalorizar os acontecimentos cotidianos, às vezes insignificantes, do meio esportivo, e compreender a preocupação de enaltecer a participação dos protagonistas do espetáculo esportivo.

A criação dos ídolos pela imprensa esportiva, por exemplo, é utilizada como pedra fundamental para o alcance de seus interesses. Por meio dos ídolos, que são elevados pela mídia à condição de semideuses, consegue-se transmitir e induzir a aquisição de um conjunto de valores padronizados que objetiva manipular as massas (FREITAS FILHO, 1985). Para Helal (1998 *apud* BORELLI, 2002a, p. 19), “um fenômeno de massa não consegue se

sustentar por muito tempo sem a presença de “heróis”, “estrelas” e “ídolos”. São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento”.

Ao se realizar uma aproximação com a atualidade, percebe-se que o jornalismo esportivo caracteriza-se como uma atividade regional e peculiar, a qual possui como objetivo abordar determinados assuntos, mas que, ao mesmo tempo, faz parte de um contexto maior, ou seja, o jornalismo como um todo (BORELLI, 2002b).

Considerando-se a hierarquia do jornal, nota-se que a editoria de esportes, quando comparada às demais, é a que possui mais autonomia, visto que existe menos obstáculo na análise do esporte do que, por exemplo, da política ou da economia.

Esse grau de independência da editoria de esportes pode ser mais bem explicado pela sua relação com o tripé que configura o discurso midiático – informação, entretenimento e publicidade (PIRES, 2002) – acima citado. Segundo Amaral (1968 *apud* BORELLI, 2002a), ao considerar sua natureza e finalidade, o esporte constitui-se principalmente como entretenimento, o que permite que numa mesma editoria tenham variadas falas e diversos pontos de vista acerca de um mesmo objeto, ou seja, o esporte. Nessa editoria o ideal primeiro a seguir, contrariamente as outras que levam a cabo o manual de redação, é a liberdade.

O esporte, nos jornais impressos, geralmente situa-se nas últimas páginas, local considerado de destaque juntamente com as primeiras. Além disso, ocupa um caderno reservado, o que lhe atribui uma condição especial quando comparado as outras editorias, visto que é discutido em um lugar específico (BORELLI, 2002a).

Outro aspecto peculiar do campo esportivo e que se torna pertinente destacar, relaciona-se ao “poder” que o esporte tem de alterar a estrutura já determinada do jornal quando ocorrem grandes acontecimentos esportivos, como as Olimpíadas, Copa do Mundo, Jogos Pan-Americanos e finais de campeonatos (locais, regionais, nacionais e/ou internacionais) (BORELLI, 2002a).

Quando isto acontece, ou seja, muda sua estrutura, o jornal deixa de abordar o esporte como uma notícia corriqueira, estabelecendo novos e diferentes vínculos com o leitor, além de atribuir outros significados ao esporte (BORELLI, 2002a).

Segundo Borelli (2002a), essa “deformação” do jornal pode ser exemplificada e efetivada por meio da criação de cadernos especiais anexos a editoria de esportes, que podem inclusive ter número superior de páginas que a própria editoria de esportes. Nesses cadernos especiais, diversos temas podem ser abordados, até mesmo aqueles que conseguem prender a atenção do leitor, aproximando e igualando a vida deste com a do atleta que deslumbra.

Outro ponto a ser destacado refere-se às colunas especializadas presentes na editoria de esportes, as quais possuem amplo destaque no jornal como um todo. De acordo com Borelli (2002a), as colunas esportivas surgiram para superar o limite encontrado no jornalismo, o qual se preocupava em apenas transmitir os acontecimentos considerados importantes e omitia aqueles secundários, mas que também tinham incidência sobre o fato central. Nesse sentido, aparece a coluna esportiva que oferece “ao público informações mais interessantes, fundamentadas e vistas de outro ângulo [...]” (p. 67). O colunista esportivo exhibe maneiras de ler o esporte, analisando e interpretando os fatos. Assim, refletem-se imaginários, desejos, escolhas de opinião pública, possibilitando a identificação do leitor e a sua fidelidade com a coluna esportiva (BORELLI, 2002a).

O que se percebe com isso, é que o espaço esportivo, por ser habitado por ideais a serem defendidos, configura-se como um local de batalha e disputa. Por sua vez e como lembra Borelli (2002a), essa disputa pelo espaço esportivo público ocorre tanto pelo próprio campo midiático, pois terá que “lutar” dentro da estrutura do jornal com a política, economia, tecnologia, educação, saúde, cultura etc., quanto pelos outros campos sociais, os quais também buscam visibilidade na mídia e agem, por meio das fontes, no próprio campo esportivo.

Sendo assim, consegue-se compreender que o espaço dedicado ao esporte cotidianamente em um jornal é resultante de insistentes negociações, batalhas e adaptação aos interesses encontrados dentro e fora das mídias. Dentre esses interesses, pode-se destacar aquele em que há, em modalidades que possuem os dois naipes (masculino e feminino), uma abordagem do esporte que enfatiza o gênero, tendo como objetivo veicular aquilo que é interessante, mais mercantilizável, e por isso, mais consumido e lucrativo.

3.4.3 Esporte da mídia: gênero e representações

As condições de acesso e participação das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas nem sempre foram – e determinadas vezes ainda não são – iguais às dos homens, considerando os mais diversos âmbitos: esporte de rendimento, lazer, Educação Física escolar, valores de alguns prêmios atribuídos aos vencedores e vencedoras de competições esportivas, visibilidade conferida pela mídia, entre outros (GOELLNER, 2005).

A inserção das mulheres na história do esporte no Brasil data de meados do século XIX. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que a participação delas se amplia adquirindo, portanto, maior visibilidade (Ibid.).

Mesmo já tendo o Brasil participado de outros eventos esportivos mundiais, foi somente em 1932, na Olimpíada sediada na cidade de Los Angeles, que o Brasil registrou a participação da sua primeira atleta: a nadadora paulista Maria Lenk, então, com 17 anos de idade. A participação desta atleta é um marco importante, pois possibilitou a divulgação da imagem da atleta de competição numa época em que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas em um nível competitivo (Ibid.).

A partir de meados do século XIX, com os ventos de mudança e inovações que vinham da Europa, chegaram também os ecos das lutas femininas, as quais contribuíram para gradativa ampliação da participação feminina em diferentes espaços sociais, dentre eles os esportivos (Ibid.).

No entanto, esse comparecimento da mulher no esporte ocorreu concomitante a presença de conflituosas reações, pois a sociedade da época detinha simultaneamente a herança de um recente passado colonial, agrário e cristão e o dever de um futuro moderno, industrial (Ibid.). Nesse sentido, Goellner (2005, p. 92) relata que:

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, a mudança de atitude, o desnudamento do corpo, o uso de artifícios estéticos por vezes eram identificados como de natureza vulgar não só por moralistas, médicos, juízes e religiosos, mas por grande parte das próprias mulheres que eram também portadoras de rígida moral, cujos preceitos denunciavam, nessa atitude modernizadora, um ato de desonra em especial porque pareciam abrandar o discurso da maternidade como uma obrigação feminina. Ou ainda, como sendo a mais nobre missão da mulher.

Como se pode observar, as mulheres eram criadas para serem esposas e mãe, sendo o esporte encarado como um fator que põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade (GOELLNER, 2005).

Ainda assim, muitas mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais, aderiram às práticas esportivas independente do discurso hegemônico da interdição. Estimuladas ou não a participarem das modalidades, a ampliação da presença feminina no esporte proporcionou a emergência de algumas competições de grande porte dedicadas especialmente às mulheres (Ibid.).

A partir da segunda metade do século XX, modalidades como voleibol, basquetebol, natação, tênis e atletismo foram mais difundidas, o que permitiu um avanço na participação das mulheres em competições nacionais e internacionais. A partir dos anos 70, por exemplo, cresceu significativamente a participação das atletas brasileiras em Jogos Olímpicos, sendo que a primeira premiação com o ouro olímpico aconteceu em Atlanta, em

1996, no voleibol de praia em dupla. Já nos anos 80 e 90 houve uma maior inserção das mulheres em esportes antes considerados como violentos para a participação feminina, como: judô, pólo aquático, handebol e futebol (Ibid.).

Atualmente, apesar da participação das mulheres brasileiras em eventos esportivos ser muito mais ampla e diversificada, isso não significa afirmar que homens e mulheres ocupem o mesmo espaço nos esportes. No futebol, por exemplo, esporte mais difundido no país, o número de mulheres praticantes em clubes e área de lazer aumentou se comparado à década anterior. Entretanto, ainda são escassos os campeonatos regionais, não há um evento de porte nacional, assim como não há um número significativo de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nem no nível administrativo das entidades que regem este esporte (Ibid.).

Pelo menos no que tange ao Brasil, outros dois setores do esporte em que é perceptível a inexpressiva participação das mulheres são: a atuação delas como técnicas esportivas, espaço de domínio masculino, em especial, nas equipes de alto nível; e departamentos de organização e de direção do esporte como federações e confederações esportivas e no Comitê Olímpico Brasileiro, cujos cargos permanecem sob o domínio dos homens (Ibid.).

Os exemplos acima colocados, em que se pode observar explicitamente a desigual presença de mulheres e de homens nos âmbitos esportivos, ainda não esgotam as diversas instâncias que existem. Nesse sentido, torna-se pertinente destacar e aprofundar naquela que mais se relaciona com esse estudo: a mídia. Por meio desta, enquanto aos atletas homens são destinados maior destaque e projeção, as mulheres tem seu corpo exposto e espetacularizado como uma forma de erotização, de exaltação da beleza e da sensualidade (Ibid.).

A mídia, ao veicular suas matérias, exerce papel fundamental no fortalecimento daquilo que se denomina de “imaginário social coletivo”, ou seja, as concepções que os vários grupos sociais fazem de determinados eventos e personagens, os mitos e as “ideias gerais” que nem sempre são condizentes com a verdade, mas que são as versões mais difundidas (SOUZA; KNIJNIK, 2007).

É também por intermédio da mídia que os discursos dominantes sobre o que é ser homem ou mulher, estabelecem e instituem seu espaço no imaginário coletivo. Apesar de na contemporaneidade os diversos movimentos sociais, melhor representados pelo feminismo, buscarem diminuir as fronteiras entre o masculino e o feminino, em alguns setores elas ainda mantem-se firmes – e a mídia representa isto visivelmente, seja retratando, descrevendo ou até mesmo analisando de forma desigual homens e mulheres em suas atividades diversas, dentre

as quais se pode citar as esportivas (SOUZA; KNIJNIK, 2007). Arriscando-se um pouco mais, pode-se até afirmar que a mídia, intencionalmente, prefere abordar as diferenças entre o masculino e o feminino do que veicular propriamente informações condizentes ao profissional como atleta.

É válido salientar que a intenção do estudo não é de colocar em oposição homens e mulheres, apenas aprofundar a necessidade de desconstruir a histórica supremacia do gênero masculino sobre o feminino no esporte, investindo na conquista de uma igualdade política e social.

Percebe-se então que feminino e masculino ocupam espaços distintos e quando relacionados ao poder esse tratamento não se comporta de maneira diferente. Enquanto o domínio do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, racionalidade, atividade e objetividade, o domínio do feminino é o privado, o doméstico, associado à fragilidade, emoção, passividade e subjetividade. Enquanto o homem seria, “por natureza”, mais corajoso, mais violento, mais racional; a mulher estaria propensa ao choro, à histeria e ao amor (SOUZA; KNIJNIK, 2007).

De acordo com Saraiva (2002), os constantes estudos realizados sobre gênero vêm tentando desmistificar esse ideário de construção das desigualdades, fazendo com que, por exemplo, se a mulher for mais instintiva de que o homem, mais dominada por seus impulsos, isso não seja mais entendido como marca de inferioridade, mas sim de singularidade, marca esta que um homem também pode deter.

Todavia, em determinados contextos, as representações de gênero são tão presentes que as próprias mulheres, para findar sua submissão, camuflam em si a imagem do outro. Refletido no mundo dos esportes, principalmente no de rendimento, as mulheres, para obterem êxito, geralmente assumem características ditas masculinas (SARAIVA, 2002), tendo como um dos meios para o alcance disto a ingestão exagerada de anabolizantes e o uso excessivo de exercícios com pesos na musculação.

Conforme Adelman (2003), mesmo quando isso não acontece e as atletas participam da “desconstrução” da diferença entre gêneros, o esforço torna-se inválido, uma vez que continuam imersas em uma cultura em que a atividade esportiva das mulheres pode comprometer a feminilidade da atleta. Quer dizer, muitos esportes apesar de não serem mais vistos somente como masculinos, ou seja, tanto homens quanto mulheres podem praticar, ao serem relacionados às competições esportivas nos níveis profissional e semi-profissional continuam separando homens e mulheres. Os esportes equestres são quase os únicos que não

se comportam dessa maneira. No hipismo clássico, por exemplo, homens e mulheres participam como concorrentes das mesmas competições.

Sabendo-se que no imaginário social coletivo as conquistas esportivas estão comumente associadas à velocidade, força e resistência, o esporte assim definido geralmente favorece aos homens e colabora para construção social da hegemonia masculina. Em contrapartida, assim como os demais “valores” – flexibilidade, equilíbrio e graça – a construção social do feminino se consolida no segundo plano (SOUZA; KNIJNIK, 2007).

Já os/as “diferentes”, nesse contexto, possuem um espaço bastante reduzido, uma vez que os esportes delimitaram quais são os papéis que meninos e meninas, homens e mulheres podem representar, resultando num modelo de masculinidade a ser seguido. Logo, para que os homens tenham poder e acesso aos bens culturais e, inclusive, às práticas corporais e ao esporte, eles precisam ser brancos, heterossexuais, adultos e de classe média. Aqueles que não atendem a essas exigências acabam perdendo drasticamente espaço (SAYÃO, 2002).

Com isso, percebe-se que o espaço e o reconhecimento alcançado pelo feminino no esporte ainda continua submisso à dominação masculina. De acordo com Souza e Knijnik (2007), o número de mulheres em competições esportivas cresce a cada ano no Brasil. Nas Olimpíadas de Sidney (2000), por exemplo, elas já representavam mais de 40% da delegação de atletas brasileiros. Todavia, mesmo com o crescente número de mulheres no esporte de rendimento, percebe-se que “estas ainda estão submetidas a diversos padrões e modelos de comportamento marcados por ranços seculares, sobretudo no que se refere aos estigmas relacionados ao corpo e à sexualidade das atletas” (Ibid., p. 35). Estes estereótipos, por sua vez, são reproduzidos cotidianamente pela mídia esportiva, a qual os prioriza em detrimento dos aspectos vinculados ao rendimento esportivo propriamente dito das atletas (SOUZA; KNIJNIK, 2007).

Alguns estudos internacionais também confirmam essa constatação. Fink (1998 *apud* SOUZA; KNIJNIK, 2007), por exemplo, mostrou que somente 15% de toda cobertura esportiva dos jornais impressos norte-americanos eram sobre atletas mulheres e que apenas 5% da cobertura televisiva relacionava-se às mulheres no esporte. Em pesquisa realizada por Koivula (1999 *apud* SOUZA; KNIJNIK, 2007), na Suécia, 86,7% do tempo de cobertura televisiva foi destinado aos homens no esporte e apenas 11,7% às mulheres.

Outras importantes considerações sobre este assunto fundamentam-se em Boschilia e Meurer (2007). Esses autores realizaram um trabalho sobre a cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) no jornal Folha de São Paulo, a fim de identificar nos arranjos

enunciativos das matérias uma possível tensão criada entre homens e mulheres. A seguir, algumas das considerações presentes no trabalho serão mencionadas, porém de maneira breve.

Por exemplo, puderam constatar que houve uma exploração sintomática da figura da mulher-mãe em sobreposição à da mulher atleta, fato que pode ser facilmente observado no título da matéria: “Arqueira Alemã entra para história ao buscar o ouro à beira do parto” (ARQUEIRA..., 2004 *apud* BOSCHILIA; MEURER, 2007, p. 59). Por ser uma situação inusitada no meio esportivo, a gravidez da atleta é ressaltada e os aspectos competitivos se relativizam em favor de uma lógica de participação (BOSCHILIA; MEURER, 2007).

O efeito simbólico de comparação entre os sexos, assim como a expressão pública de características femininas e masculinas, a fim de sugerir uma possível subordinação das mulheres, foi outro dado encontrado no trabalho. Sobre esse assunto, enquadram-se atletas olímpicas que nunca se tinha ouvido falar, pois geralmente eram oriundas de países que as proibiam de participar das competições por motivos religiosos, como mostra o relato da velocista afegã à Folha: “Sei que não tenho muitas chances de medalha, mas estar em Atenas já é ouro” (DEBUTANTES..., 2004 *apud* BOSCHILIA; MEURER, 2007).

Na matéria cujo título é “Feliz com nome, Chana desbrava a Europa (FELIZ..., 2004 *apud* BOSCHILIA; MEURER, 2007), o que chama a atenção é a maneira como a matéria centra-se no exótico nome da atleta (goleira da seleção brasileira de handebol) e como ela se apropria da ideia de excitação e erotização para fazer associações entre o nome da atleta e a genitália feminina.

No caso da cobertura destinada à participação da seleção feminina de futebol do Brasil, tendeu a produzir efeitos comparativos, mesmo sem os atletas masculinos terem participado das Olimpíadas de Atenas. Isto induz a imaginação de que caberia às mulheres pedir a autorização masculina para representar o futebol brasileiro, pentacampeão do mundo (BOSCHILIA; MEURER, 2007).

A partir do exposto, percebe-se que o modelo do leitor imaginário, concebido pelos jornalistas que produzem as matérias, é construído como um ser masculino. Como o enunciador parte do pressuposto de que a maioria do público consumidor do esporte, dos cadernos esportivos, constitui-se essencialmente por homens, nada mais coerente do que ajustar a enunciação dos arranjos discursivos às supostas expectativas e preferências desse seu leitor imaginário. Consequentemente, são criados efeitos comparativos entre a participação de homens e de mulheres, porém, sem esquecer de lhes atribuir espaços e características de atuação diferentes. Pois, como já citado anteriormente, aos homens estão relacionados à

imagem de robustez, de vigor, e às mulheres atreladas à imagem de encanto e ideia de sedução (BOSCHILIA; MEURER, 2007).

Nesse sentido, o produto resultante das relações estabelecidas entre o esporte e os diferentes agentes sociais, dentre os quais o principal é a mídia, atua no sentido de manter uma dominação simbólica dos homens sobre as mulheres “que tende a subordinar as práticas esportivas femininas a um imaginário elitizante e erotizante, ideologicamente masculinizado” (BOSCHILIA; MEURER, 2007, p. 64).

Esse tratamento diferenciado da mídia, no que tange às práticas esportivas femininas e masculinas, aparece como uma forma de tensão criada para, principalmente, evidenciar os resultados dos atletas e prender a atenção do consumidor (BOSCHILIA; MEURER, 2007).

Todavia, isto deve ser desconstruído, pois, mesmo que ingenuamente seja concebido que é somente estes os interesses da mídia, os mesmos não se estagnam nas páginas dos jornais. A mídia possui um poder de alcance muito maior, construindo e confirmando o imaginário social, assim como um compromisso social que lhe deve sempre ser lembrada.

No próximo capítulo serão apresentados e discutidos os dados obtidos no estudo. O mesmo está estruturado da seguinte forma: exposição dos aspectos mais gerais do campo; descrição e análise quantitativa da cobertura da LM e do GP; e, por fim, classificação e análise da cobertura dos eventos masculino (LM) e feminino (GP), conforme as categorias empíricas de análise.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O CAMPO

Antes de iniciar propriamente a apresentação dos resultados, torna-se necessário destacar algumas informações que esclarecem melhor o desenvolvimento desse estudo e expõem as primeiras impressões encontradas no campo.

Como já referido nos procedimentos metodológicos, os dados da pesquisa foram coletados a partir das reportagens do Caderno de Esporte do jornal *Folha de São Paulo* (FSP), durante três meses (de 01/06/2010 a 31/08/2010), totalizando um número de 92 (noventa e duas) edições (jornais) analisadas.

Abaixo, o Quadro 1 apresenta os eventos selecionados, o período de realização de cada evento, o período em que se encontrou matérias veiculadas sobre cada evento e o número de edições (jornais) em que se encontram essas matérias:

Quadro 1 – Demonstrativo da cobertura jornalística analisada

Evento	Período de realização	Período em que as matérias foram publicadas	Número de edições em que apareceu matéria²⁶
Liga Mundial de Vôlei (LM) – masculino	04/06/2010 a 25/07/2010	04/06/2010 a 26/07/2010	35
<i>World Grand Prix</i> (GP) – feminino	06 a 29/08/2010	15/07/2010 a 30/08/2010	24

Durante o período de coleta dos dados, o Caderno de Esporte geralmente possuía cerca de 16 páginas. Porém, esse número foi alterado a partir do dia 08 de junho de 2010,

²⁶ É válido salientar que os jornais *online* que continham matérias sobre os eventos abordados, foram também contabilizados nessa relação. Cada jornal desta possuía, pelo menos, uma matéria sobre a LM e/ou sobre o GP.

quando a FSP criou uma sessão especial neste mesmo caderno, a qual se destinava à Copa do Mundo de Futebol – 2010, realizada na África do Sul. Com essa sessão especial, intitulada “Copa 2010”, o número de páginas do Caderno variou entre 19 e 39, voltando a sua “normalidade” a partir do dia 13 de julho de 2010, data que marca o término da sessão especial, segundo os registros da coleta dessa pesquisa.

Dentro do Caderno de Esporte, a maioria das matérias veiculadas sobre a LM e o GP ocupava as páginas finais, até mesmo quando foi criada a sessão especial no Caderno. Quando composto de aproximadamente 16 páginas, localizavam-se geralmente entre as páginas 11 e 16. Já com a criação da sessão especial, encontravam-se entre as páginas 20 e 30, tendo algumas exceções de matérias nas páginas iniciais e mais finais. Em síntese, existia uma padronização em relação ao conteúdo “voleibol”.

Outro aspecto importante a ser destacado, próprio da mídia impressa, corresponde à acentuada utilização de fotos coloridas nas matérias, naquelas relacionadas à cobertura da LM, mas principalmente as referentes à cobertura do GP, o que às vezes contribuiu para que uma matéria ocupasse o espaço total de uma página. Essas imagens são, em sua maioria, coloridas e de variadas dimensões. Na cobertura de ambos os eventos, mostravam o treino das seleções, as seleções rivais do Brasil, o rendimento dos atletas, momentos dos jogos em que eles estavam atacando, defendendo ou comemorando a marcação de um ponto²⁷. As imagens que exibiam a comparação entre atletas, a personificação do esporte, bem como a exploração da beleza feminina serão mencionadas mais adiante, no tópico que se discute a categorização das matérias, pois merecem uma reflexão diferenciada.

Na sequência o material coletado será descrito e analisado a partir dos registros e das referências feitas à cobertura dos dois eventos selecionados, seguindo geralmente uma mesma ordem, isto é, primeiro sobre a LM e depois acerca do GP.

4.2 OS ESPAÇOS DO VOLEIBOL NA FOLHA DE SÃO PAULO

Do ponto de vista descritivo-quantitativo, pode-se verificar que de um universo de 92 edições analisadas, em 59 delas foram encontradas matérias relativas aos dois eventos, contendo 51 matérias acerca da LM e 39 referentes ao GP.

²⁷ Essas evidências podem ser confirmadas nas matérias publicas nos dias: FSP – 04/06/2010 – Caderno de Esporte/pág. D13; FSP – 21/07/2010 – Caderno de Esporte/pág. D8 e D9; FSP – 07/08/2010 – Caderno de Esporte/pág. D16; FSP – 28/08/2010 – Caderno de Esporte/pág. D16.

Em se tratando das matérias da LM, cabe ressaltar que 6 delas foram publicadas apenas no jornal *online*, não sendo divulgadas na edição impressa do Jornal nos dias subsequentes. Além disso, quando se classificou essas matérias em reportagens ou colunas, pode-se constatar que absolutamente todas, inclusive as do GP, eram reportagens. Esse fato precisa ser destacado porque contraria uma característica da FSP que é justamente a análise crítica das reportagens, expressa pelo qualificado grupo de colunistas.

Em alguns estudos realizados pelo LaboMídia-CDS/UFSC, sobre a cobertura dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007²⁸ e acerca do agendamento da Copa do Mundo de Futebol que será realizada no Brasil (2014) na Copa da África do Sul (2010)²⁹, pode-se observar a disponibilidade de elementos de análise por parte dos colunistas para o leitor formar sua própria opinião. Nestes estudos, foi percebido um intenso “diálogo” entre as reportagens e as colunas sobre o tema, situações em que o conteúdo informativo presente nas reportagens era imediatamente repercutido nas colunas, de forma opinativa, com algumas críticas e mesmo ironias ao comentar os fatos.

Sobre o certame feminino, igualmente ressaltar-se que 6 das 39 matérias foram coletadas da *internet*, sendo que, destas, apenas 1 estava no jornal *online* e não constava no jornal impresso. As outras 5 foram analisadas somente via jornal *online*, visto que não foi possível o acesso das mesmas por meio do jornal impresso.

Para ilustrar os dados acima citados, apresenta-se o quadro abaixo (Quadro 2), com o número total de matérias veiculadas sobre os dois eventos, LM e GP:

Quadro 2 – Número total de matérias publicadas no Jornal (impresso e *online*), referente à LM e ao GP, durante o período determinado para coleta dos dados

Evento	Número de matérias no jornal impresso	Número de matérias apenas no jornal <i>online</i>	Total de matérias
Liga Mundial de Vôlei (LM) – masculino	45	06	51
<i>World Grand Prix</i> (GP) – feminino	33	06	39

Ainda sobre o ponto de vista descritivo-quantitativo, realizou-se o procedimento de centimetragem das matérias, que nessa pesquisa, consistiu na execução do cálculo da área de cada matéria, posteriormente o cálculo da área total do caderno (esporte) em que as

²⁸ PIRES (Org.), 2009a.

²⁹ PIRES (Org.) *et al.*, 2009b.

mesmas se encontravam, para que assim fosse possível verificar a porcentagem da área que as matérias ocupavam no caderno.

Das 51 matérias sobre a LM conseguiu-se fazer a centimetragem de 45, pois as outras 6, como já mencionado acima, foram coletadas no jornal *online*. Tendo ocorrido o mesmo fato com a cobertura do GP, do total de 39 matérias, efetuou-se a centimetragem em 33 destas.

A partir do Quadro 3, pode-se observar melhor os resultados encontrados com esse procedimento:

Quadro 3 – Área total das matérias presentes na cobertura da LM e do GP

Evento	Número total de matérias	Número de matérias em que se fez a centimetragem	Área total das matérias
Liga Mundial de Vôlei (LM) – masculino	51	45	6.300,5 cm ²
<i>World Grand Prix</i> (GP) – feminino	39	33	6.206,7 cm ²

Com o quadro acima, consegue-se perceber que, apesar da quantidade de matérias veiculadas sobre a LM ter sido um pouco superior a do GP, logicamente, pois o primeiro evento durou cronologicamente mais tempo que o segundo, não houve diferença significativa entre a área total da cobertura da LM e a do GP.

A área média das matérias de cada evento, no entanto, revelou-se diferente: enquanto na LM, essa média é de 140,01 cm², no GP ela sobe para 188,08 cm², o que permite afirmar que a cobertura do certame feminino dispôs de menos, porém maiores matérias, talvez em decorrência do maior número e tamanho de fotos que apresentou, o que tende a aumentar a área das matérias. Enquanto na cobertura da LM dez fotos foram publicadas, no GP esse número aumentou para doze.

A seguir, as matérias dos jornais são descritas, classificadas e analisadas conforme as categorias extraídas do próprio material empírico.

4.3 O DISCURSO DA MÍDIA: CATEGORIAS DE DISCUSSÃO

Nesta segunda forma de reflexão sobre os dados recolhidos do campo, o procedimento analítico foi implementado a partir do estabelecimento de categorias gerais,

extraídas, como já dito anteriormente, do próprio material empírico. Essa organização permitiu que as matérias jornalísticas fossem sistematizadas e classificadas em agrupamentos temáticos, permitindo assim uma análise de conteúdo dos dados, conforme anuncia Bardin (s/d).

Inicialmente, apresentam-se as categorias identificadas, acompanhadas de uma breve ementa explicativa, e, na sequência, a distribuição do material nas respectivas categorias. Para descrição destas, fundamentou-se em pesquisas realizadas pelo Grupo LaboMídia – CDS/UFSC, referentes a cobertura dos JASC/2007³⁰ e a do Jogos Pan-Americanos Rio/2007, esta já citada anteriormente.

É válido salientar que o número de referências que as matérias observadas fazem a aspectos contidos na estrutura de classificação elaborada determinou que uma mesma matéria fosse distribuída em mais de uma categoria, fazendo com isso que este número ultrapassasse o número total de matérias identificadas. Na tentativa de denominar esse dado, utilizou-se aqui a ideia de *registros categoriais*.

As categorias de análise referentes à cobertura da LM e do GP foram:

1) Técnica: contempla aspectos que trataram do rendimento/*performance*/treinamento dos atletas/equipes e/ou que faz comparação entre estes; refere-se a pontuação dos atletas nos jogos, aos seus fundamentos técnicos, à avaliação da carreira dos mesmos, bem como aos momentos em que eles se lesionaram. Além disso, engloba os resultados dos jogos, destaca a classificação das equipes na competição e realiza o retrospecto destas em outras edições do evento.

2) Agendamento/programação: essa categoria é constituída pelas matérias que apresentavam a programação semanal dos jogos que envolviam ou não o Brasil. Informavam também competições futuras que o país iria participar, classificando algumas vezes a LM e o GP como treino.

3) Favoritismo/expectativa: enfatiza a probabilidade que o Brasil tinha para vencer os jogos, assim como a competição. Ainda, faz menção ao conjunto de registros que ora criava expectativas positivas acerca do desempenho dos atletas (os lesionados poderiam voltar a jogar e apesar das derrotas poder-se-ia ganhar o ouro), ora gerava suspense e expectativa negativa.

4) Personificação: exalta a “figura” de um ou mais atleta e/ou treinador, reduzindo a este a referência da equipe e destaca que a *performance* dessas “figuras” seria/foi

³⁰ PIRES (Org.), 2008.

fundamental para que o time obtivesse êxito. Matérias que abordam aspectos distintos aos técnicos, mas que continuam ligados aos atletas, objetivando destacá-los dos demais por meio de outros assuntos, foram também agrupadas nessa categoria.

Ao se classificar as matérias e distribuí-las nas categorias de análise acima descritas, constatou-se que o conjunto de 90 matérias identificadas gerou 171 registros categoriais, sendo 101 a respeito da LM e 70 correspondente ao GP, conforme se observa abaixo no Quadro 4:

Quadro 4 – Distribuição dos registros das matérias sobre a LM e o GP em categorias

Categorias	Liga Mundial		Grand Prix		Totais	
	N	%	N	%	N	%
Técnica	41	40,59	29	41,42	70	40,93
Agendamento/programação	27	26,73	24	34,28	51	29,82
Favoritismo/expectativa	13	12,87	11	15,71	24	14,03
Personificação	20	19,81	6	8,57	26	15,21
Total	101	100	70	100	171	100

Para facilitar a visualização da distribuição das matérias por categoria em cada evento, apresentam-se os gráficos abaixo (Gráfico 1 e Gráfico 2) com essas informações:

Gráfico 1 – Distribuição dos registros da LM em categorias, em valores relativos

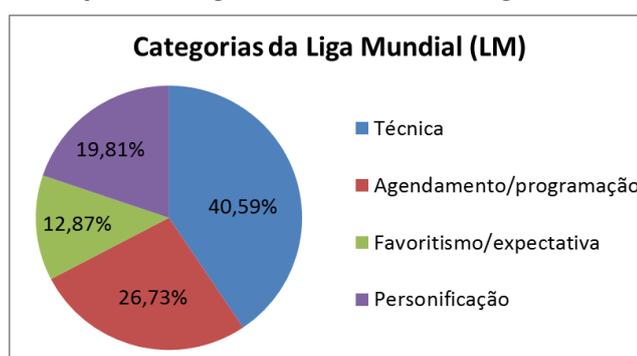
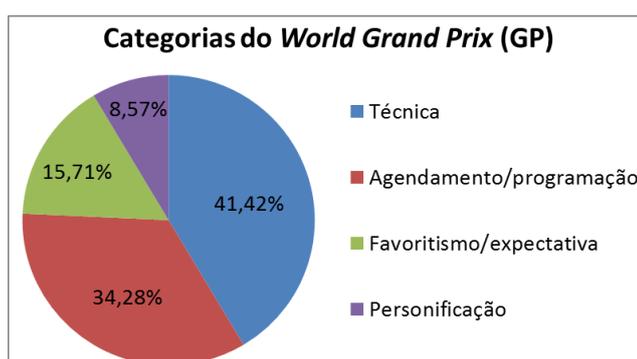


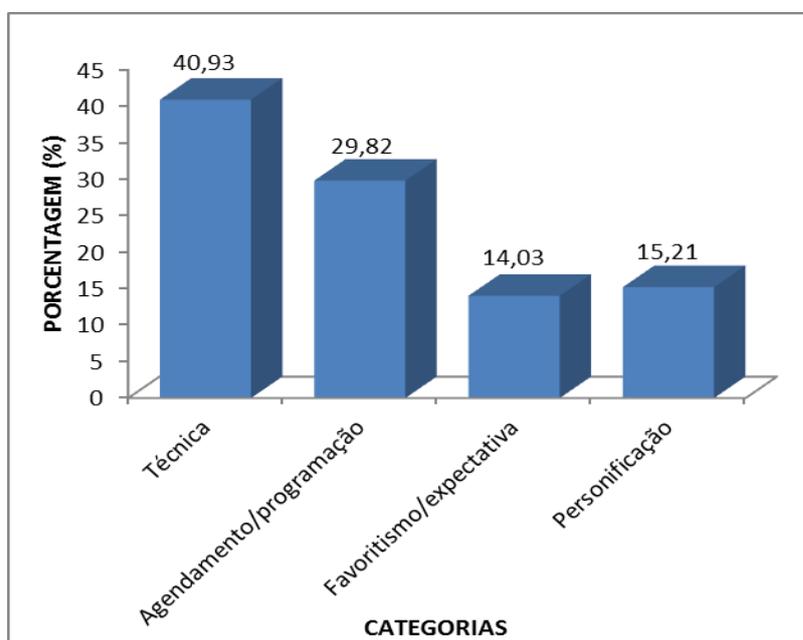
Gráfico 2 – Distribuição dos registros do GP em categorias, em valores relativos



A diferença entre o número total dos registros categoriais de cada evento (31 registros), levando em consideração o número de matérias dos mesmos (LM-51 e GP-39) torna-se significativa, pois exacerba uma predominância de conteúdos da LM sobre o GP. Todavia, destaca-se que essa predominância de conteúdos não corresponde à existência de uma variabilidade dos mesmos, ou seja, podem se concentrar em uma ou mais categorias.

Para ilustrar, o gráfico a seguir (Gráfico 3) apresenta os registros das matérias em categorias, referente ao somatório dos dois eventos, em números relativos:

Gráfico 3 – Distribuição dos registros dos dois eventos em categorias, em valores relativos



De modo geral, o Gráfico 3 evidencia o quanto as informações veiculadas no Jornal sobre os dois eventos se referem aos aspectos técnicos da realização dos jogos. Associados os dois eventos, o percentual de matérias jornalísticas que abordam assuntos de natureza técnica, envolvendo rendimento/*performance*/treinamento dos atletas/equipes, resultados, classificação das equipes, avaliação da carreira dos atletas, etc., chega próximo da metade do número total de registros, alcançando 40,93%. Isto representa mais de 10 pontos percentuais a mais do que o tema que foi o segundo colocado, relativo a questões de agendamento e programação dos jogos da LM e do GP que divulgavam ou não o Brasil. Considerando essas duas categorias juntas, pode-se afirmar que elas correspondem cerca de dois terços (2/3) do total de registros identificados no material coletado do Jornal.

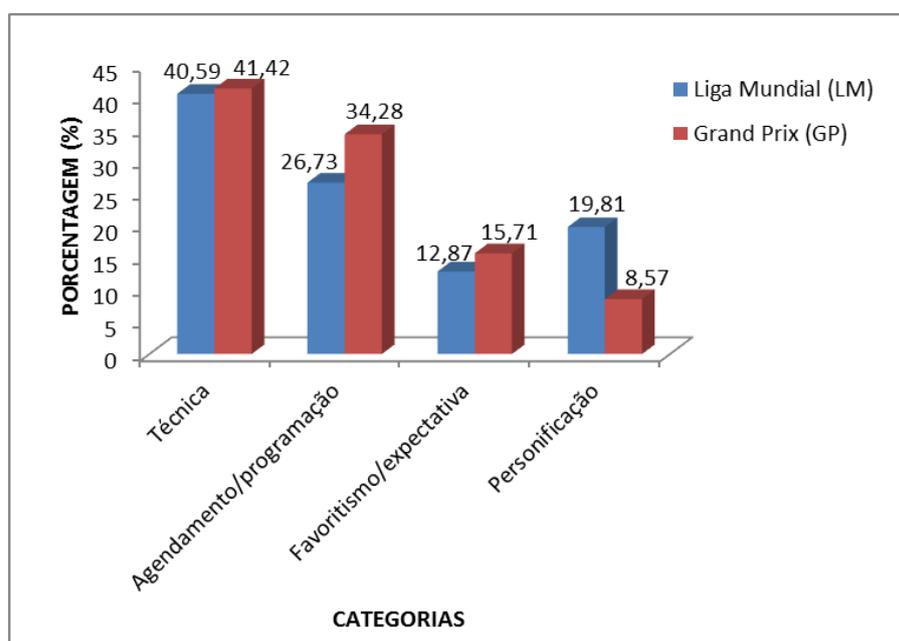
Posteriormente a exibição das impressões mais gerais da pesquisa, direciona-se para uma apresentação mais específica dos dados, a qual será realizada por meio das categorias de análise identificadas na cobertura da LM e do GP.

Como já citado no referencial teórico dessa pesquisa, a maioria das matérias dos dois eventos demonstraram certa indiferenciação. Segundo Pires (2002), essa indiferenciação proposital das diversas manifestações realizada pela mídia é uma característica identificada no atual estágio da espetacularização do esporte. As modalidades esportivas, apesar de serem distintas, utilizam um processo de produção, venda e consumo do espetáculo esportivo que está alicerçado nos mesmos procedimentos técnicos e de iguais interesses mercadológicos (Ibid.).

A partir disto, consegue-se entender o porquê da semelhança, para não dizer igualdade, das categorias da LM e do GP. Os registros categoriais dos dois eventos além de se distribuírem em categorias comuns possuem também quantidade parecida, exceto a categoria “Personificação”. Duas das quatro categorias de análise detêm a mesma colocação nos dois eventos.

Ainda com o objetivo de ilustrar melhor os dados expressos no Quadro 4 e de adequá-lo a essa etapa da discussão, apresenta-se na sequência o gráfico (Gráfico 4) que possibilita uma visão comparativa das ênfases das matérias de acordo com os registros em categorias entre os dois eventos em análise, em números relativos:

Gráfico 4 – Visão comparativa entre a Liga Mundial de Vôlei e o *World Grand Prix*, conforme as categorias de análise



A primeira observação que se pode fazer é que tanto na LM quanto no GP, a categoria “Técnica” foi a mais enfatizada e quando comparados os números relativos dos registros desta categoria na LM e no GP, nota-se outro dado: em ambos os eventos, esses números alcançaram um valor muito semelhante – 40,59% na LM e 41,42% no GP. Informações como: os principais resultados e a classificação das equipes, o treinamento e o rendimento dos atletas/equipes, os atletas que mais pontuaram na partida, bem como a avaliação da carreira dos mesmos, são mostradas nos trechos das matérias abaixo, referentes respectivamente à LM e ao GP:

Brasil estréia na Liga Mundial com vitória (título)

[...] Jogando em Uberlândia (MG), o time de Bernardinho bateu a Bulgária por 3 sets a 1 (22/25, 25/20, 26/24 e 25/23). O ponteiro Murilo foi o maior pontuador do Brasil com 19 bolas na quadra rival (FSP, 05/06/2010, p. D13).

Brasil se recupera e bate a Holanda fora de casa outra vez (título)

[...] Após as duas vitórias do fim de semana, o Brasil lidera o Grupo A na Liga Mundial com os mesmos 19 pontos da Bulgária, segunda colocada. A única derrota brasileira em oito jogos foi justamente contra a Holanda, em Brasília (FSP, 28/06/2010, p. D29).

Brasil vence e pega hoje azarão no Grand Prix (título)

A seleção feminina de vôlei não teve trabalho para superar ontem, em São Carlos, a fraca equipe de Taiwan em sua estreia no Grand Prix. [...] o destaque brasileiro foi a meio de rede Thaisa, que foi a maior pontuadora da partida, com dez pontos – oito no bloqueio e dois de ataque (FSP, 07/08/2010, p. D16).

Seleção de vôlei bate Polônia, mas perde Mari, no Grand Prix (título)

Nem todos os erros foram corrigidos, mas a seleção feminina voltou ontem a jogar bem e derrotou a Polônia por 3 sets a 1 (25/21, 23/25, 25/20 e 25/17) na fase decisiva do Grand Prix de vôlei (FSP, 27/08/2010, p. D11).

Especificamente relacionada à cobertura do GP, outro assunto presente nas matérias, também classificadas na categoria “Técnica”, refere-se às diferenças cronológicas (fusos horários) entre os países-sede dos jogos, as quais influenciaram de certa forma o desempenho das atletas. Esse tema, apesar de pouco representativo, necessita ser destacado, pois foi algo peculiar da cobertura do evento feminino. Para exemplificar essa constatação, segue abaixo o trecho de uma matéria:

Seleção joga ‘prévia’ de fase decisiva (título)

As campeãs olímpicas podem até encarar o jogo contra a República Dominicana como um treino de luxo. [...] Mas o grande adversário para as campeãs olímpicas em Macau tem sido o fuso horário. As 12 horas de diferença em relação ao Brasil são um tormento para as atletas. “Realmente dá uma moleza para treinar depois de uma viagem longa e com um fuso horário complicado como este [...]”, comentou a experiente ponteira Paula Pequeno, 28, à CBV (FSP, 12/08/2010, p. D12).

De acordo com Pires (2009a), o fato dessa categoria ser a mais referenciada, parece ser óbvio, pois se trata de um evento esportivo. É válido salientar que este dado não é peculiar dessa pesquisa, visto que em estudos realizados sobre a cobertura dos Jogos Abertos de Santa Catarina (PIRES, 2008) e a cobertura do Pan-Americano Rio-2007 (PIRES, 2009a) o comportamento da categoria “Técnica” foi o mesmo.

Logo em seguida, como a segunda mais evidenciada em ambos os eventos, vem a categoria “Agendamento/programação”, com respectivamente 26,73% na LM e 34,28% no GP. Possivelmente essa pequena diferença, melhor ilustrada no Gráfico 4, tenha ocorrido porque a LM teve uma duração cronológica maior que o GP. Com isso, o maior tempo de exposição e para divulgação do evento pode ter contribuído para que essa temática fosse menos abordada na cobertura da LM, já que tal “agendamento/programação” poderia ser realizado de modo que não ficasse tão concentrado em um período de tempo, ou seja, ocorreu de maneira mais diluída.

Neste sentido, pode-se observar matérias que apresentavam a programação dos jogos, geralmente diária, sob a forma de uma tabela ou no próprio texto da matéria. Além disso, nessa categoria enquadram-se as matérias que anunciavam outras competições que as seleções de voleibol iriam participar. Estas competições referem-se ao Mundial realizado na Itália, relacionado à seleção masculina, e ao Mundial ocorrido no Japão, concernente à seleção feminina, caracterizando a LM e o GP como treino para os respectivos mundiais. Alguns trechos das matérias que exemplificam essas constatações sobre a LM são:

Seleção pega Holanda pela Liga Mundial hoje (título)

A equipe do técnico Bernardinho enfrenta a seleção holandesa, com a liderança do Grupo A da Liga Mundial em jogo, hoje, às 19h [...], pela segunda rodada da competição, em Brasília (FSP, 12/06/2010, p. D28).

Fora do foco, seleção de vôlei disputa Liga (título)

[...] O treinador vai aproveitar que os holofotes estarão direcionados para a África do Sul para fugir um pouco da pressão por mais uma conquista e preparar seu time para o Mundial da Itália [...] “Vai ser difícil ter espaço na fase inicial por causa da Copa. Eu escolheria uma outra data para fazer a Liga e jogaria o Mundial para o fim do ano. Vamos ficar no anonimato, o que vai ser até bom para testar para o Mundial”, disse Bernardinho (FSP, 04/06/2010, p. D13).

Nessa mesma matéria, Bernardinho ainda declara que se fosse ele o dirigente da FIVB (Federação Internacional de Vôlei) mudaria a data da LM para fugir da concorrência com a Copa do Mundo de futebol. Mas, como técnico da seleção brasileira masculina de vôlei, gostou da ideia de entrar na competição ofuscado pelo futebol.

Com isso, pode-se fazer basicamente duas observações. A primeira delas, como já citado no referencial teórico dessa pesquisa, refere-se à monocultura esportiva – o futebol – existente no Brasil, característica do esporte *da* mídia afirmada por Betti (2001). Já a segunda, condiz à secundarização da importância da LM em detrimento do Mundial da Itália.

As matérias abaixo mostram como a categoria “Agendamento/programação” foi comumente representada no GP:

Seleção abusa de erros e é punida (título)

[...] Para ele [o técnico da seleção brasileira, José Roberto Guimarães], a derrota precoce no Grand Prix serve de alerta para o Brasil tentar corrigir os pontos fracos tendo em vista as finais da competição e o Mundial, que será disputado de 29 de outubro a 14 de novembro, no Japão. “Fico triste de sair de São Carlos com a derrota, mas é importante que entendamos o quanto ainda precisamos melhorar no Grand Prix e para o Mundial, afirmou” (FSP, 09/08/2010, s/p, *online*).

Seleção encara invicta China para ficar em primeiro lugar no grupo (título)

O Brasil despede-se da segunda semana do Grand Prix na madrugada de domingo, às 4h30, contra a China, em Macau. Os canais Sportv e Band anunciam a transmissão ao vivo (FSP, 14/08/2010, p. D13).

Além dos assuntos expostos acima nas matérias, frequentemente veiculados na cobertura do GP, outro também abordado nas matérias pertencentes a categoria “Agendamento/programação”, porém menos recorrente, relaciona-se às informações gerais sobre as cidades-sede, as quais influenciaram o desenvolvimento dos jogos. Nesse sentido, encontram-se aquelas reportagens que abordaram as consequências das inundações que acontecerem na China para o evento – GP, especialmente durante a passagem da seleção brasileira feminina de vôlei por lá. Uma destas matérias é exibida abaixo:

Inundações adiam jogo do Brasil na China (título)

O governo chinês pediu o cancelamento de todos os eventos esportivos realizados na China ontem, por causa do luto oficial decretado após a morte de mais de 2.000 pessoas em decorrência das inundações (FSP, 16/08/2010, p. D10).

As matérias classificadas nas duas categorias até agora discutidas, “Técnica” e “Agendamento/programação”, têm como característica o fato de serem factuais e datadas, ou seja, relacionam-se temporalmente ao desenrolar dos seus respectivos eventos ao longo da realização dos mesmos. Com esse tipo de cobertura o jornal constrói uma narrativa espaço-temporal que atualiza os leitores no cotidiano dos jogos, agendando o que está por ocorrer e relatando o recém-acontecido. Assim, para estreitar sua relação com o leitor, a mídia impressa, dia-após-dia, precisa pautar sua cobertura por um tipo de notícia que seja objetiva e

exiba informações novas para quem acompanha o noticiário, assim como precisa garantir alguma compreensão dos fatos àqueles que têm acesso esporádico ao meio impresso (PIRES, 2008).

De acordo com o Gráfico 3, percebe-se que a categoria “Favoritismo/expectativa” foi a quarta mais evidenciada no conjunto de todas as categorias, com 14,03%. Todavia, ao se observar o Gráfico 4, comparativo entre os dois eventos, nota-se que a mesma teve uma abordagem diferenciada na LM e no GP, porém não muito significativa. Isto porque na LM a categoria “Favoritismo/expectativa” foi a quarta mais referida, com 12,87%, enquanto no GP foi a terceira, com 15,71%. Conteúdos como: as chances que o Brasil tinha para vencer os jogos e a competição; comparação das outras equipes com o Brasil, enfatizando sua hegemonia na modalidade e seus títulos conquistados; destaque da inferioridade técnica das outras equipes devido ao número de vezes que o Brasil já as venceu na LM, no GP e em outros eventos; a desvantagem das outras equipes por estarem com seus atletas lesionados; bem como a preocupação dos atletas brasileiros e lesionados de prejudicarem os resultados esperados, foram alguns dos temas observados na redação das notícias.

Nesse sentido, por intermédio das matérias abaixo, percebe-se como a categoria “Favoritismo/expectativa” foi veiculada na LM:

Brasil enfrenta rivais frágeis na fase final (título)

A condição de favorito que o time de Bernardino ostenta em todas as competições que disputa ficou mais evidente nesta edição da fase final da Liga. Os parceiros de grupo são os de pior desempenho na primeira etapa da competição. Os argentinos só estão na decisão por serem os anfitriões, porque perderam as 12 partidas que fizeram até aqui na Liga Mundial (FSP, 20/07/2010, p. D16).

Brasil faz final da Liga contra time de extremos (título)

A seleção brasileira de vôlei entra em quadra hoje, [...], com a missão de superar a Itália como a equipe que mais ganhou títulos na história das Ligas Mundiais. Os dois times têm, cada um, oito troféus (FSP, 25/07/2010, s/p, *online*).

No que diz respeito ao GP, observa-se por meio das matérias abaixo, como a mesma categoria, “Favoritismo/expectativa”, foi encontrada:

Brasil vence a segunda e pega Itália enfraquecida (título)

[...] O rival da vez será a Itália, que no fim do ano passado, subiu no topo do pódio da Copa dos Campeões. O Brasil foi prata. [...] Agora, no entanto, as brasileiras são as favoritas à vitória, não só por atuar em casa, como também por enfrentar uma equipe desfalcada de três titulares, lesionadas (FSP, 08/08/2010, p. D16).

Hegemônico, Brasil decide o Grand Prix (título)

Ninguém jogou tantos sets nem venceu tantos jogos no Grand Prix de vôlei quanto a seleção feminina do Brasil. [...], o time de José Roberto Guimarães luta para coroar

sua hegemonia no Grand Prix e para afiar as atletas para o Mundial. [...]. Tamaña superioridade pode fazer com que o Brasil, caso vença o torneio [...], obtenha o segundo tri genuíno e ostente nove títulos, nada menos do que as conquistas somadas de todos os outros campeões (FSP, 24/08/2010, s/p, *online*).

Como já citado anteriormente no texto, o voleibol se firmou como esporte de massa no Brasil e tendo conquistado inúmeros títulos mundiais, tanto na seleção masculina quanto na feminina de voleibol, desencadeou o interesse da mídia.

Esses dois elementos, esporte (voleibol) e mídia, criaram uma interdependência indissociável. Enquanto o voleibol oferta aos seus patrocinadores maiores retornos publicitários com menores gastos às empresas, estes últimos garantiram ao voleibol substanciais recursos financeiros para aprimoramento de suas equipes. Tal aprimoramento proporcionou conquistas nacionais e internacionais significativas, as quais até hoje despertam interesse pelas transmissões e coberturas televisiva e impressa (MARCHI JUNIOR, 2004).

Vale a pena lembrar que, ambas as seleções de voleibol do Brasil, tanto a masculina quanto a feminina, como citado anteriormente no processo de ideologização do esporte descrito por Pires (1998), recebem patrocínio do Banco do Brasil – uma empresa estatal. No Brasil, a utilização de verba pública para o patrocínio dos esportes tem sido recorrente.

Além das empresas estatais, como a Caixa Econômica Federal e o já mencionado Banco do Brasil, outras estratégias são usadas para o direcionamento do dinheiro público para o esporte, como: a Lei de incentivo ao esporte, a qual consiste na renúncia fiscal, ou seja, ao invés das empresas pagarem impostos para o Governo, direcionam a verba para o esporte; e a Lei Agnelo/Piva, que recebe esse nome por causa do nome de dois de seus autores, o então Senador Pedro Piva (PSDB-SP) e o então Deputado Federal e ex-Ministro do Esporte Agnelo Queiroz (PC do B-DF). Esta lei estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15%, ao CPB. Do montante destinado ao COB, 10% devem ser investidos no esporte escolar e 5% no esporte universitário³¹.

Com isso, entende-se que a mídia impressa ao explicitar a categoria “Favoritismo/expectativa” busca por estratégias que contemplem e prendam a atenção do seu leitor, pois assim conseguem vender seu produto. Para isso, utiliza-se de uma redação nas

³¹ As informações foram retiradas do *site* < http://www.cob.org.br/sobre_cob/agnelo_piva.asp>. Acesso em: 16 fev. 2011.

notícias que cogita hipóteses de vitória e até adivinha os resultados, o que por sua vez gera ansiedade, um sofrimento de quem espera o que está por vir. Este artifício desperta a atenção do leitor, fazendo com que o mesmo acesse diariamente o jornal para sanar sua curiosidade. Porém, como a cada noticiário é lançada uma nova expectativa renovando essa dependência, geralmente a curiosidade é finalizada apenas no final do evento.

Por fim, a última categoria, denominada “Personificação”, foi a terceira mais evidenciada ao se considerar a totalidade das categorias. Conforme o Gráfico 3, acima exibido, a categoria “Personificação” teve 15,21% dos registros categoriais. Porém, do mesmo modo que a anterior (“Favoritismo/expectativa”), quando observada a categoria em cada evento (Gráfico 4), nota-se que ela foi abordada de forma diferenciada em ambos. Na LM a categoria “Personificação” foi a terceira mais referida, tendo 19,81%. Já no GP, essa mesma categoria foi a quarta colocada em grau de referência, possuindo 8,57% dos registros categoriais.

Diferentemente das categorias anteriores, que não exibiram diferença significativa na abordagem da LM e do GP, nesta última, “Personificação”, os números percentuais dos registros categoriais do evento masculino e do feminino, quando comparados, revelam por si só uma diferença gênero, em que o da LM atinge mais que o dobro do percentual alcançado por essa categoria no GP.

De modo geral, o tratamento diferenciado na categoria “Personificação” dos dois eventos pela cobertura midiática impressa ocorreu da seguinte maneira: enquanto na LM a personificação ocorreu por meio de textos, no GP essa personificação aconteceu, principalmente, por intermédio da exploração das imagens das atletas, tendo em vista a quantidade (12) e o tamanho destacado das fotos.

Nesse sentido, o destaque de alguns atletas, enaltecendo-os ao ponto de, quando presentes ou ausentes, serem considerados a causa da vitória, da dificuldade de ganhar o jogo e da própria derrota, assim como a utilização de um discurso possessivo, como “O time de Bernardinho”, foram, por exemplo, alguns dos assuntos abordados nessa categoria, mais recorrente no evento masculino. Para esclarecer melhor, segue abaixo alguns recortes das matérias publicadas sobre a LM e classificadas nessa categoria:

Giba dita ritmo de vitória brasileira contra a Bulgária (título)

[...] Mais uma vez a Bulgária endureceu o jogo em Uberlândia, mas o Brasil se recuperou e venceu, por 3 sets a 2 [...]. Ontem, no entanto, o time comandado por Bernardinho contou com sua maior estrela em quadra: o ponteiro Giba (FSP, 06/06/2010, p. D17).

Time do Brasil potencializa o perigo do rival (título)

Pelo menos no discurso, o Brasil de Bernardinho teme ser a primeira vítima da Argentina nesta Liga Mundial. [...] Da boca de Bernardinho, os donos da casa parecem o pior adversário do mundo (FSP, 21/07/2010, p. D9).

As matérias da LM pertencentes à categoria “Personificação”, quando relacionadas a algum jogador, majoritariamente ressaltaram o atleta Giba, o qual, coincidentemente, tem sido alvo de especulações midiáticas, fomentando a indústria publicitária. Do mesmo modo, outra figura ainda mais destacada foi a do técnico Bernardinho. As matérias, ao citarem o técnico da seleção masculina de voleibol, utilizavam-se de um discurso de posse, exibindo um Bernardinho também “dono” de uma seleção talentosa a qual instiga expectativa de vitória.

Sobre a relação da mídia com a figura do técnico Bernardinho, Mezzaroba (2004) relata que essas associações se tratam de uma estratégia discursiva a partir da qual são atribuídas várias características com ênfase no individual, ou seja, na própria figura do técnico. No estudo realizado por esse autor, as mais variadas qualificações/adjetivos/denominações, como “insatisfeito”, “motivador”, “perfeccionista”, “reservado”, “concentrado”, “exigente”, “preocupado”, entre outras, puderam ser identificadas.

Além desses dois personagens, outro também citado na cobertura da LM, porém com menor frequência, foi o ex-levantador da seleção, Ricardinho. A maioria das matérias que o citava, referia-se à polêmica e a expectativa deste reintegrar a equipe³² para disputar a Liga Mundial de Vôlei, assim como competições futuras. Outras realizavam comparações entre Ricardinho e os atuais levantadores da seleção. Os exemplos abaixo mostram como se pode identificar tal personificação:

Ricardinho, mesmo fora, é lembrado (título)

Afastado da seleção desde 2007, o levantador esteve perto de voltar à equipe justamente nesta Liga Mundial. Ele chegou a ser pré-convocado, mas ficou fora da lista final por decisão própria. “A decisão [de reintegrá-lo à seleção] é minha, mas não vou tomar a decisão e falar ‘engulam’. O sentimento do grupo é importante”, disse Bernardinho (FSP, 04/06/2010, p. D13).

³² Fala-se em reintegrar a equipe, porque o técnico Bernardinho “cortou” da seleção o levantador Ricardinho, deixando-o de fora das competições desde os Jogos Pan-Americanos, realizados no Rio de Janeiro em 2007. Supõe-se que o desentendimento ocorrido entre o técnico e o levantador tenha sido por causa de dinheiro. O Brasil por ter vencido a Liga Mundial de Vôlei na Polônia (2007), recebeu o prêmio de US\$ 1 milhão pela vitória, dividido entre a comissão técnica e os jogadores. Ricardinho, porém, decidiu que seu prêmio individual de US\$ 100 mil seria dividido somente entre os jogadores, e não com a comissão técnica, rompendo uma combinação cumprida desde 1991. Essas informações foram retiradas do *site* <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG78298-6029-480,00.html>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

Seleção campeã cria dilemas para Bernardinho (título)

Se Bernardinho usou a Liga-2010 como teste para o Mundial da Itália, em setembro, ele terá problemas para convocar e escalar a equipe para o próximo torneio. A posição que mais deve dar dor de cabeça ao técnico é a de levantador. O retorno de Ricardinho, afastado da seleção desde 2007 por desavenças, é aguardado. Mas ele terá de competir por uma vaga com Bruno, titular desde que Ricardinho deixou a equipe nacional, e Marlon, um dos grandes destaques da equipe na fase decisiva da Liga Mundial (FSP, 26/07/2010, s/p, *online*).

As matérias presentes na cobertura da LM, as quais abordaram à polêmica do atleta Ricardinho, transparecem um possível esgotamento ou até mesmo pouca variabilidade de assunto a ser veiculado sobre o evento masculino, o que por sua vez pode ter contribuído para que o Jornal recorresse às curiosidades, ou seja, temas corriqueiros que despertam a atenção dos seus leitores.

Encerrada a exposição sobre a LM, observa-se abaixo como a categoria “Personificação” esteve presente na cobertura do GP:

Grand Prix põe à prova levantadoras do Brasil (título)

Há dois anos, Fofão se aposentou da seleção feminina e, há dois anos, o técnico José Roberto Guimarães ainda busca uma sucessora para a levantadora, campeã olímpica em Pequim-2008 (FSP, 06/08/2010, p. D12-D13).

Equipe festeja Mari na chegada a Ningbo (título)

Ontem, quando chegou à cidade que abriga os jogos da fase final do Grand Prix, a seleção foi recebida com flores e cercada por fãs na entrada do hotel, onde as atletas festejaram os 27 anos de Mari [...] (FSP, 24/08/2010, s/p, *online*).

Como já mencionado anteriormente, a categoria “Personificação” na cobertura do GP, além das matérias, esteve presente, principalmente, sob a forma de fotos das atletas. Dessa forma, a fim de melhor elucidar tal constatação, segue abaixo algumas delas (Figura 1 e Figura 2) presentes nas matérias veiculadas sobre o evento feminino:



Figura 1 – Título: Grand Prix (2ª rodada) (FSP, 16/08/2010, p. D15)



Adenízia corta na vitória sobre a seleção local, em Taiwan

Figura 2 – Título: Brasileiras vencem ‘amistoso’ em Taiwan (FSP, 22/08/2010, p. D15)

Distintamente do ocorrido na LM, as matérias do GP pertencentes à categoria “Personificação”, enfatizaram diferentes figuras, fosse isto realizado nos próprios textos das matérias ou, principalmente, por intermédio das fotos presentes nas mesmas.

Além disto, e como se pode observar em um dos exemplos acima colocados, relacionados ao GP, a personificação ocorrida na cobertura do evento feminino transcendeu algumas vezes os assuntos esportivos. Como mostra o trecho da matéria, o destaque do aniversário da atleta Mari, enaltecendo a atleta, foi a maneira pela qual se personificou o esporte.

O sentido de posse estabelecido ao técnico José Roberto Guimarães sobre a seleção feminina de vôlei foi também identificado, entretanto com menor frequência e ênfase daquele presente nas matérias relacionadas à LM. Apesar disso, talvez em nenhum outro esporte brasileiro, com exceção do futebol, claro, a figura dos dois técnicos recebe tanta ênfase pela mídia como é o caso do voleibol.

Embora menos do que se podia esperar, a questão da feminilidade no esporte esteve representada explicitamente por uma matéria. Esta buscou explorar o corpo de uma atleta italiana, a atacante Francesca Picinini, ao colocar a foto da jogadora se alongando e uma legenda intitulado-a como “musa” (Figura 3):



Figura 3 – Título: Grand Prix põe à prova levantadoras do Brasil (FSP, 06/08/2010, p. D12-D13)

Apesar de quantitativamente ser pouco representativa, essa matéria confirma uma apropriação da ideia de excitação e erotização para fazer associações entre as funções da atleta e suas características físicas, conforme anunciam Boschilia e Meurer (2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar os estudos para realização deste trabalho, pode-se entender que o espetáculo esportivo é caracterizado por um conjunto de elementos, o qual sem a mídia não se concretizaria como tal, a ponto de se cogitar que fica difícil pensar o esporte sem a mídia e vice-versa. Por meio do estabelecimento de uma relação crescente e indissociável com o esporte, ao mesmo tempo em que a mídia populariza algumas modalidades esportivas, estas também trazem benefícios para mídia, tendo em vista a venda dos direitos de transmissão dos principais eventos nacionais e internacionais, bem como a venda de produtos pela publicidade.

No caso do voleibol, a mídia, principalmente televisiva, foi primordial para a “refundação” da modalidade, tanto no que se refere aos investimentos realizados no esporte quanto a sua popularização e massificação. Todavia, para que isto fosse possível, o voleibol teve que adequar suas regras às exigências das narrativas da mídia.

Nesse sentido, algumas mudanças realizadas no voleibol para adequação aos moldes televisivos foram: redução do tempo dos jogos, a fim de tornar mais previsível sua duração e, portanto, seu encaixe nas grades televisivas, como ocorre com o futebol; aumento das chances da defesa, inclusive com os pés, dando mais dinâmica ao jogo; sistema de *tie-break* na contagem dos pontos, o que também transformou e acelerou o jogo; inclusão do “tempo técnico” no oitavo e no décimo sexto ponto de cada *set*, a fim de exibir os patrocinadores (também chamado “tempo da TV”); presença do líbero no voleibol, função desenvolvida para o atleta otimizar a defesa e a recepção de sua equipe, aumentando o “*rally*” do jogo para torná-lo mais espetacular e criando mais um “atleta especialista” na modalidade; uso do sistema de 25 pontos corridos sem vantagem nos *sets*; bem como a introdução da regra que admite o saque “queimado” – aquele em que a bola toca na rede.

Especificamente na mídia impressa, objeto dessa pesquisa, e em especial no jornal *Folha de São Paulo* (FSP), o esporte é abordado de uma maneira peculiar: possui um caderno especial que geralmente ocupa as últimas páginas do jornal, as quais são consideradas as mais importantes e chamativas, juntamente com as primeiras, dedicadas à política nacional. Com relação ao conteúdo, presente nessas páginas, o maior número de matérias existente em tal caderno refere-se ao futebol, sendo secundarizada a “sobra” dos demais espaços para as outras modalidades, dentre as quais se pode destacar o voleibol.

Como necessita manter uma relação com o leitor, a mídia impressa, ao veicular notícias sobre o esporte, utiliza-se de uma narrativa factual que é temporalmente construída. Assim, consegue prender a atenção e curiosidade do leitor e desencadeia, neste processo, uma certa dependência com a mídia, o que se percebe atualmente, principalmente com a mídia *online* (*internet*), que é um fenômeno que se poderia chamar “fome de informação”. O intuito desta é de que a população necessite cotidianamente consumir o produto oferecido, neste caso, o jornal.

Além da narrativa factual, a utilização de fotos coloridas (ou mesmo em preto e branco), elemento gráfico próprio da mídia impressa, assim como infográficos, são também artifícios utilizados para destacar as matérias e alcançar a finalidade descrita acima.

Retomando-se o objetivo desta pesquisa, que foi de compreender se questões de gênero revelam-se como fator de diferença nas estratégias discursivas da mídia, neste caso do jornal FSP, observou-se que a mídia pesquisada pouco contribui para construção e perpetuação das representações relacionadas ao gênero no voleibol.

A FSP ao veicular matérias sobre a Liga Mundial (LM) e sobre o *Grand Prix* (GP), até expõe algumas diferenças, porém são bastante sutis. A cobertura da seleção masculina e da seleção feminina de voleibol em algumas passagens utilizou-se do gênero como elemento identificador para construir seu discurso e gerar notícias diversas sobre os eventos.

Numa leitura superficial, a cobertura midiática da FSP acerca da LM e do GP pareceu ter sido muito semelhante, dado este que reflete categorias de análise comuns a ambos os eventos. Como afirmado acima, isso contribui para que a diferenciação do discurso da LM e do GP realizada pela FSP fosse sutil e subliminar; todavia, quando analisada mais atentamente, essa diferença passa a ser melhor percebida, como visto no caso da categoria “Personificação”. Fato este que leva a uma inquietação: Tal processo é algo consciente dos jornalistas e da própria empresa midiática ou já é algo “naturalizado” nos discursos midiáticos

que envolvem o campo esportivo e assim, despreziosamente, criam/mantém/reforçam as representações relacionadas ao gênero no esporte?

Nesse sentido, caminhando-se do geral para o específico, nota-se que uma primeira distinção ocorrida foi a veiculação de um número ligeiramente maior de matérias sobre a LM do que acerca do GP, conseqüentemente tendo a Liga Mundial um número de registros categoriais superior ao do *Grand Prix*.

É válido salientar que a hipótese preliminar do estudo já previa isso, tendo em vista o espaço que a seleção masculina de voleibol costuma ocupar na mídia, principalmente quando se consideram os interesses mercadológicos relacionados à ela, como a publicidade; bem como pelo fato da LM ter sido cronologicamente realizada por mais tempo (aproximadamente dois meses) do que o GP (aproximadamente um mês).

A pequena diferença constatada pode ser atribuída a dois fatores. O primeiro pode ser relacionado aos títulos atuais das duas equipes. Sabendo-se que a mídia “nutre-se” de fatos momentâneos, como os resultados obtidos pelas equipes, para, concomitantemente, divulgá-lo e retirar dele seus interesses, talvez tenha sido mais significativo para mídia analisada fazer isto por meio de uma seleção que atualmente é campeã olímpica – a feminina – do que por intermédio de uma seleção que é vice – a masculina. Afinal, como se costuma dizer, no esporte de alto rendimento, existe a frase, bastante conhecida e muito dita principalmente em épocas olímpicas, que “ganha-se o bronze, perde-se a prata”, o que ratifica, em parte, o discurso hegemônico do esporte, que o importante é vencer e aos vencedores, todas as atenções!

Já o segundo fator é de que a cobertura da LM foi ofuscada pela Copa do Mundo de Futebol, realizada na África do Sul, já que ambos os eventos ocorreram em datas semelhantes³³. A cobertura da LM foi tão “esquecida” no caderno de esporte da FSP, que o intervalo de tempo sem publicação de matéria a respeito do evento alcançou até sete dias³⁴.

Claro que o GP, que ocorreu em data posterior à copa do Mundo de Futebol, poderia também ter perdido algum espaço para as notícias pós-Copa, mas certamente não sofreu tanto quanto a LM, até porque a derrota da seleção brasileira de futebol a tirou rapidamente da pauta esportiva na mídia. Também é possível inferir que o voleibol “sobreviveu” à cobertura da Copa do Mundo de Futebol por ocupar atualmente um local de prestígio entre os esportes nacionais (afinal, acredita-se e divulga-se que é o segundo esporte

³³ A LM aconteceu entre os dias 04/06/2010 e 25/07/2010, já a Copa do Mundo de Futebol ocorreu entre os dias 11/06/2010 e 11/07/2010.

³⁴ Entre os dias 19/06/2010 e 26/06/2010 nenhuma matéria a respeito da LM foi veiculada no caderno de esporte do jornal FSP, conforme mostra o APÊNDICE A (p. 78).

de preferência nacional), o que, por sua vez, desencadeia no Jornal a necessidade de atingir públicos que não só os adoradores do futebol, pois depende desse público consumidor.

Considerando-se que boa parte do público sedento de informações pelo futebol no Brasil identifica-se ao universo masculino, é possível que, também aqui, nesta pesquisa, as atenções dadas à seleção masculina de vôlei receba um pouco mais de visibilidade no sentido de ser uma informação endereçada a este público masculino.

Ainda sobre esse segundo fator, observando-se o caderno de esporte da FSP durante a realização da Copa, transpareceu que o mesmo caderno continha muitas notícias para veicular sobre o principal evento do futebol, o que diminuiu a ênfase sobre a LM. Já no período pós-Copa, momento de ocorrência do GP, pareceu que o Caderno de Esporte não dispunha mais de tantos assuntos assim sobre o futebol e para suprir isso veiculou matérias sobre outros esportes, inclusive acerca do *Grand Prix*.

Uma segunda diferença percebida na cobertura dos eventos tem como base as categorias de análise presentes na pesquisa. Como já mencionado acima, não houve diferença representativa das mesmas entre a LM e o GP, tanto quantitativamente quanto relacionado ao conteúdo, exceto a categoria “Personificação”.

Esta categoria foi aquela que explicitou uma distinção mais significativa de abordagem dos eventos, melhor visualizada pelos dados quantitativos. Enquanto no GP a porcentagem dessa categoria alcançou 8,57%, na LM o número expresso foi mais que o dobro e obteve o valor de 19,81%. Dessa forma, pode-se observar que a cobertura da LM tendeu destacar o evento por meio do individual, enquanto na do GP foi pouco utilizada essa estratégia. É plausível pensar que tal constatação se deve em função dos jogadores terem suas imagens mais exploradas publicitariamente, agregando um público maior, tanto masculino quanto feminino, enquanto que, geralmente, a personificação feminina tem um público mais restrito, ou seja, agregam-se valores específicos ao universo feminino.

Pode-se associar a essa discussão outro fato relevante à categoria “Personificação”, que se refere à maior veiculação de imagens (fotografias) das atletas do GP que, muitas vezes, ocupavam grande parte da área das matérias. Quando comparadas às imagens da LM, as do GP detinham também tamanhos superiores e exibiam geralmente as disputas, *performance* e treino das atletas. Vale lembrar que essas fotos do GP apresentam sobretudo corpos femininos em ação, o que pode estar relacionado a uma opção estética do Jornal definida pelo gênero. Pode-se pensar, novamente, nas questões do “endereçamento da informação”: Por que as jogadoras de vôlei aparecem em fotografias em boa parte das matérias, diferentemente da cobertura que se faz em relação aos jogadores brasileiros? Assim,

vê-se que também nas sutilezas as estratégias discursivas constroem, imagetivamente, representações acerca de gênero quando se trata da cobertura esportiva.

A partir dessas colocações, percebe-se a influência que a mídia possui na sociedade contemporânea, com o que é dito e o que é mostrado, seja nas entrelinhas, seja em tópicos que dão título às manchetes, ou mesmo nas fotografias que são publicadas. Arelada à essa influência, pode-se dizer também que a mídia, em seu conjunto, tem um certo poder de manipulação que realiza na sociedade. Por isso, buscar o esclarecimento por meio de estudos como este, a fim de provocar na população consumidora um mínimo de criticidade, é fundamental. Mensagens explícitas ou subliminares, acerca dos mais diversos assuntos, como o gênero, quando abordadas a partir de interesses mercadológicos e cotidianamente reforçadas, diminuem as chances de se avançar na discussão e eliminar os limites das relações sociais.

Por isso vê-se a necessidade de estudar e desenvolver as discussões acerca do tema aqui investigado, principalmente no âmbito da formação de professores de Educação Física, inicial e continuada. Sugere-se a estes que atentem e refinem seu olhar no cotidiano escolar para as questões de gênero. Muitos entraves são oriundos delas e seria, pelo menos, um erro pedagógico, omiti-las das problemáticas escolares.

Percebe-se que o ambiente escolar apresenta como característica peculiar a heterogeneidade dos indivíduos que nela circulam, e nas aulas de Educação Física, essas diferenças parecem se acentuar ainda mais que em outros componentes curriculares. Por isso, a educação deve ser trabalhada de modo que promova a problematização acerca das diferenças, estimulando os alunos a refletirem sobre esta questão e, assim, possa contribuir para a melhoria da convivência; facilitando a socialização, a aprendizagem, e a diminuição da violência, tanto nas aulas de Educação Física, quanto no contexto geral da escola.

Nesse sentido, indica-se aqui a apropriação da mídia como uma ferramenta pedagógica estratégica, pois a partir da mesma, pelo menos no que tange o meio esportivo, são representadas as diferenças de gênero. Estas, por sua vez, quando analisadas coletivamente com alunos, podem servir de elemento propulsor da aprendizagem para que assim ele possa fazer parte da formação humana e tornar-se presente no cotidiano de cada um, como sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9841/9070>>. Acesso em: 24 fev. 2011.
- ALBARELLO, Luc *et al.* **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva Publicações, 1997.
- ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE JORNAIS (WAN). **Jornais: breve história**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianomundo/historiadojornal.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Imprensa Brasileira - dois séculos de história**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianobrasil/arquivos-em-pdf/Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas/SP: Papyrus, 1998.
- BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, n. 17, set. 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5929/5441>>. Acesso em: 13 jan. 2011.
- BIANCHI, Paula; HATJE, Marli. Mídia e esporte: os valores-notícia e suas repercussões na sociedade contemporânea. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 27, p. 165-178, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2270/1925>>. Acesso em: 24 fev. 2011.
- BORELLI, Viviane. **A midiaticização do esporte: leitura das estratégias discursivas da cobertura jornalística da Olimpíada de Sydney (2000)**. 2002. 243 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência do Movimento Humano, UFSM, Santa Maria, RS, 2002a.

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador/BA. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002b. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP18BORELLI.pdf>. Acesso em: 16 maio 2010.

BOSCHILIA, Bruno; MEURER, Sidmar Dos Santos. ‘Guerra dos sexos’ na cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos: uma tensão inventada. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 57-65, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3317/2387>>. Acesso em: 16 maio 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRIGA na família. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG78298-6029-480,00.html>>. Acesso em: 24 fev. 2011.

CALENDÁRIO de Seleções em 2010. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/cbv2008/selecao/calendario.asp>>. Acesso em: 16 maio 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CINTRA SOBRINHO, D. O importante é... Breves considerações sobre aspectos das relações entre mídia e esporte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre/RS. **Anais...** Porto Alegre: INTERCOM, 2004. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18301/1/R0073-1.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2010.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

CONHEÇA a Folha Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>>. Acesso em: 09 nov. 2009.

DINES, Alberto. Competição e perenidade. In: _____. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Sumus, p. 65-75, 1986.

DOMINGUES, Alexandre. **Esporte e o campo jornalístico: uma análise do jornal Folha de São Paulo a partir do Jogos Olímpicos de Atenas (2004)**. 254 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREITAS FILHO, Lauro. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, p. 51-59, 1985.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GIRARDELLO, Gilka. “Aqui” e “Lá”: crianças do “fim-do-mundo” e o mundo pela TV. In: CORSEUIL, Anelise R.; CAUGHIE, John. **Estudos Culturais: Palco, Tela e Página**. Florianópolis: Insular, p. 175-204, 2000.

- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/106/2275>>. Acesso em: 06 jul. 2011.
- JOGADOR do Vôlei Futuro é vítima de preconceito homofóbico em jogo da liga. Disponível em: <<http://cadaminuto.com.br/noticia/2011/04/05/jogador-do-volei-futuro-e-vitima-de-preconceito-homofobico-em-jogo-da-liga>>. Acesso em: 08 maio 2011.
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Das informações à conclusão. In: _____. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 197-230, 1999.
- LEI Agnelo/Piva. Disponível em: <http://www.cob.org.br/sobre_cob/agnelo_piva.asp>. Acesso em: 16 fev. 2011.
- LEMO, Cláudia R. F. Futebol, jornalismo e promoções. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador/BA. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP18LEMO.S.pdf>. Acesso em: 16 maio 2010.
- LOURO, Guacira. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M. J.; MEYER, D.; WALDOW, V. (Orgs). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 12-19, 1996.
- MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo, SP: HUCITEC; Ijuí, RS: Unijuí, 2004.
- MEZZARROBA, Cristiano. **Estratégias discursivas no agendamento do esporte na mídia: o voleibol masculino do Brasil em Atenas 2004**. 2004. 109 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- MORENO, Ricardo Macedo; MACHADO, Afonso A.. Re-significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 6, n. 8, p. 128-149, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao/viewarticle.php?id=63>>. Acesso em: 14 fev. 2011.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá - Paraná, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3824/2636>>. Acesso em: 14 fev. 2011.
- PIRES, Giovani De Lorenzi (Org.). **Observatório da Mídia Esportiva: a cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina**. Florianópolis: Nova Letra, 2008.
- PIRES, Giovani De Lorenzi (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009a.
- PIRES, Giovani De Lorenzi (Org.) *et al.* **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: antecipação, visibilidade, associações. Os agendamentos para 2014 na cobertura midiática da Copa da África do Sul**. Florianópolis: LaboMidia/UFSC, Rede CEDES/SNDEL/ME, 2009b – Projeto de Pesquisa.

PIRES, Giovani De Lorenzi; SILVEIRA, Juliano. Esporte Educacional... existe? Tarefa e compromisso da Educação Física com o esporte na escola. In: SILVA, Maurício Roberto da (Org.). **Esporte, educação, estado e sociedade: as políticas públicas em foco**. Chapecó: Argos, p. 35-53, 2007.

PROGRAMA Viva Vôlei. Disponível em:

<http://www.cbv.com.br/cbv2008/vivavolei/desc_programa.asp>. Acesso em: 14 ago. 2010.

SAYÃO, Deborah Thomé. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, esportes e lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/959/737>>. Acesso em: 03 maio 2010.

SARAIVA, Maria do Carmo. Por que investigar gênero na Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, Florianópolis, n. 19, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/958/4331>>. Acesso em: 03 maio 2010.

SOUSA, Cidoval Moraes de. Em busca de novos jeitos de ler (e compreender) a mídia. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo (RS), v. 43, n. 2, p. 149-156, maio/ago. 2007. Disponível em:

<[http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/ciencias_sociais_v43n2/149a156_art05_sousa\[rev\].pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/Publicacoes/ciencias_sociais_v43n2/149a156_art05_sousa[rev].pdf)>. Acesso em: 27 out. 2010.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, jan./mar. 2007. Disponível em:

<<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v21n1/v21n1a4.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

TAMANHAHA, Paulo. Os meios de comunicação: Jornal. In: _____. **Planejamento de mídia: teoria e experiência**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, p. 53-72, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto N. S.. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VLASTUIN, Juliana; MARCHI JUNIOR, Wanderley. O consumo do voleibol na cultura midiática. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5, 2010, Itajaí/SC. **Anais...** Itajaí: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2010. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/viewFile/2090/1013>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- ANFILO, Milton A. **A prática pedagógica do treinador da seleção brasileira masculina de voleibol**: processo de evolução tática e técnica na categoria infanto-juvenil. Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, 1997.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Pesquisa em Educação Física: enfoques e paradigmas. In: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA (SBDEF). **Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, p. 13-33, 1991.
- HEILBORN, Maria Luiza. **De que gênero estamos falando?** In: Sexualidade, Gênero e Sociedade ano 1, n. 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.
- LIGA Mundial 2009: Informações seleção brasileira. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/cbv2008/ligamundial/infobrasil.asp>>. Acesso em: 20 out. 2009.
- MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **“Sacando” o voleibol**: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Campinas: 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 15, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990.
- WORLD Grand Prix 2009: Informações seleção brasileira. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/cbv2008/grandprix/infobrasil.asp>>. Acesso em: 20 out. 2009.

BASE DOCUMENTAL

Folha de São Paulo, edição impressa de 01/06/2010 à 31/08/2010.

Folha de São Paulo, acesso *online*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>>.

Dias: 02/06/2010; 14/06/2010; 20/06/2010; 30/06/2010; 16/07/2010; 23/07/2010; 25/07/2010; 26/07/2010; 29/07/2010; 09/08/2010; 18/08/2010; 23/08/2010; 24/08/2010; 26/08/2010; 31/08/2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela de análise descritiva da Liga Mundial (LM)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	CATEGORIA
04/06/2010	1	Esporte	D13	Fora do Foco, seleção de vôlei disputa Liga	1/2/4
04/06/2010	2	Esporte	D13	Ricardinho, mesmo fora, é lembrado	2
04/06/2010	3	Esporte	D15	Liga Mundial (resultado)	4
05/06/2010	4	Esporte	D13	Brasil estréia na Liga Mundial com vitória	1/2/4
05/06/2010	5	Esporte	D15	Liga Mundial (resultado)	1/4
06/06/2010	6	Esporte	D17	Giba dita ritmo de vitória brasileira contra a Bulgária	1/2
06/06/2010	7	Esporte	D19	Liga Mundial (1ª rodada) (resultado)	1/4
07/06/2010	8	Esporte	D18	Liga Mundial (resultado)	1
12/06/2010	9	Esporte	D28	Seleção pega Holanda pela Liga Mundial hoje	2/4
13/06/2010	10	Esporte	D22	Quarteto faz Brasil ser mais versátil	1
18/06/2010	11	Esporte	D24	Brasil encara freguês na Liga Mundial, no Rio	4/1/3
19/06/2010	12	Esporte	D28	Seleção faz 2ª partida contra a Coreia do Sul	4
26/06/2010	13	Esporte	D30	Seleção defende hoje liderança na Liga	4/1/2
27/06/2010	14	Esporte	D26	Brasil volta a enfrentar a Holanda em Roterdã	4/1
28/06/2010	15	Esporte	D29	Brasil se recupera e bate a Holanda fora de casa outra vez	1
02/07/2010	16	Esporte	D29	Brasil pega freguês na Liga Mundial	4/3
03/07/2010	17	Esporte	D36	Seleção masculina faz o segundo jogo com a Coreia do Sul	4/1
04/07/2010	18	Esporte	D24	Sem Giba, Brasil bate Coreia do Sul pela Liga	1/2
05/07/2010	19	Esporte	D21	Brasil obtém segunda vitória sobre Coreia do Sul na Liga Mundial	2/1
08/07/2010	20	Esporte	D22	Com Giba, Brasil encara a Bulgária e busca vaga na fase final da Liga	4/3/1/2
09/07/2010	21	Esporte	D17	Brasil derrota a Bulgária e garante vaga nas finais da Liga Mundial	1/3
10/07/2010	22	Esporte	D23	Brasil elimina Bulgária e aguarda definição de rival nas finais da Liga	1/4
12/07/2010	23	Esporte	D28	EUA perdem, e Brasil encara Argentina e Sérvia	1/3
12/07/2010	24	Esporte	D28	Liga Mundial – fase final (resultado)	1
17/07/2010	25	Esporte	D11	Giba pode desfalcar o Brasil nas finais da Liga	2/1/3
20/07/2010	26	Esporte	D16	1ª vez – Sem Escadinha, Brasil joga finais da Liga Mundial com o líbero novato Mário Júnior	1/3/4
20/07/2010	27	Esporte	D16	Brasil enfrenta rivais frágeis na fase final	3
21/07/2010	28	Esporte	D8 e D9	Italianos e brasileiros buscam 9ª taça da Liga Mundial de vôlei e título de maior campeão	3/1
21/07/2010	29	Esporte	D9	Sem vencer, Argentina crê em ‘herdeiros’	1/4
21/07/2010	30	Esporte	D9	Time do Brasil potencializa o perigo do rival	2/3
22/07/2010	31	Esporte	D13	Seleção de vôlei encara freguês por vaga na semifinal	2/4/1

APÊNDICE A – Tabela de análise descritiva da Liga Mundial (LM)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	CATEGORIA
23/07/2010	32	Esporte	D16	Seleção está mais 'brasileira' na Liga	2/1
24/07/2010	33	Esporte	D10	À flor da pele, time de vôlei busca final	2/1
27/07/2010	34	Esporte	D16	A sombra de Ricardinho	2/4/1
27/07/2010	35	Esporte	D16	Vissotto diz que quer voltar a jogar no Brasil	2/1
27/07/2010	36	Esporte	D16	Lula parabeniza seleção por título	3/4
31/07/2010	37	Esporte	D11	Ricardinho está fora de relação para o Mundial	2/4
31/07/2010	38	Esporte	D11	Técnico repete elenco campeão da Liga	1/4
21/07/2010	39	Esporte	D15	Liga Mundial de vôlei (fase final – 1ª rodada) (programação)	4
22/07/2010	40	Esporte	D14	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação)	1/4
23/07/2010	41	Esporte	D15	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação)	1/4
24/07/2010	42	Esporte	D15	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação/resultado)	1/4
25/07/2010	43	Esporte	D14	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação)	1/4
26/07/2010	44	Esporte	D14	Liga Mundial de vôlei (final) (programação)	1
23/07/2010	45	Esporte	D16	Rússia bate Cuba e se classifica em 1º em Córdoba	1
MATÉRIAS QUE ESTAVAM NA INTERNET, MAS QUE NÃO ESTAVAM NO JORNAL IMPRESSO					
14/06/2010	1	Esporte	Internet	Após perder invencibilidade de 25 partidas, Brasil derrota Holanda	1
20/06/2010	2	Esporte	Internet	Brasil faz 3 a 0 e bate a Coreia do Sul na Liga pela 2ª vez	2/1
23/07/2010	3	Esporte	Internet	Reservas garantem Brasil na semifinal	1
25/07/2010	4	Esporte	Internet	Brasil faz final na Liga contra time de extremos	3/1
26/07/2010	5	Esporte	Internet	Brasil conquista 9º título e reina na Liga Mundial	3/2/1
26/07/2010	6	Esporte	Internet	Seleção campeã cria dilemas para Bernardinho	4/2/1

LEGENDA			
NÚMERO	CATEGORIA	QUANTIDADE	RANQUEAMENTO
1	Técnica	41	1º
2	Personificação	20	3º
3	Favoritismo/expectativa	13	4º
4	Agendamento/programação	27	2º
Total de registros categoriais: 101			

APÊNDICE B – Tabela de análise descritiva do *World Grand Prix* (GP)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	CATEGORIA
15/07/2010	1	Esporte	D9	Seleção feminina faz amistosos neste mês	4
06/08/2010	2	Esporte	D12 e D13	Grand Prix põe à prova levantadoras do Brasil	1/4/2
06/08/2010	3	Esporte	D13	Levantadora titular desfalca seleção italiana	1/4
06/08/2010	4	Esporte	D13	Não há ingressos para jogo com a Itália (programação)	4
06/08/2010	5	Esporte	D15	Grand Prix (1ª rodada) (programação)	4
07/08/2010	6	Esporte	D14	Grand Prix (1ª rodada) (programação/resultado)	1/4
07/08/2010	7	Esporte	D16	Brasil vence e pega hoje azarão no Grand Prix	1/3
08/08/2010	8	Esporte	D14	Grand Prix (1ª rodada) (programação/resultado)	1/4
08/08/2010	9	Esporte	D16	Brasil vence a segunda e pega Itália enfraquecida	1/3
09/08/2010	10	Esporte	Internet	Seleção abusa de erros e é punida	1
12/08/2010	11	Esporte	D12	Seleção joga 'prévia' de fase decisiva	4/1
12/08/2010	12	Esporte	D14	Grand Prix (2ª rodada) (programação)	4
13/08/2010	13	Esporte	D13	Cansaço das holandesas vira trunfo brasileiro	3/1
13/08/2010	14	Esporte	D15	Grand Prix (2ª rodada) (programação)	4
14/08/2010	15	Esporte	D13	Seleção encara invicta China para ficar em primeiro lugar no grupo	4/1/2
15/08/2010	16	Esporte	D12	Seleção de vôlei ganha, e Sheila é o destaque	1/3
15/08/2010	17	Esporte	D14	Grand Prix (2ª rodada) (programação/resultado)	1/4
16/08/2010	18	Esporte	D10	Inundações adiam jogo do Brasil na China	4
16/08/2010	19	Esporte	D15	Grand Prix (2ª rodada) (programação/resultado)	1/4
17/08/2010	20	Esporte	D11	Vitória sobre as chinesas põe o Brasil na liderança	1/4
19/08/2010	21	Esporte	D15	Grand Prix (3ª rodada) (programação)	4
20/08/2010	22	Esporte	D13	Seleção brasileira enfrenta pior time do Grand Prix	3/1
21/08/2010	23	Esporte	D13	Brasil vence e se garante nas finais do Grand Prix	3/1
22/08/2010	24	Esporte	D15	Brasileiras vencem 'amistoso' em Taiwan	1
23/08/2010	25	Esporte	Internet	Brasileiras ganham oitavo de nove jogos	1/3/2
24/08/2010	26	Esporte	Internet	Hegemônico, Brasil decide o Grand Prix	2/1/4/3
24/08/2010	27	Esporte	Internet	Equipe festeja Mari na chegada a Ningbo	2
25/08/2010	28	Esporte	D15	Seleção de vôlei arma paredão ante polonesas	1/3
26/08/2010	29	Esporte	Internet	Ataque falha, e meninas do vôlei amargam revés no Grand Prix	3/1
27/08/2010	30	Esporte	D11	Seleção de vôlei bate Polônia, mas perde Mari, no Grand Prix	1
27/08/2010	31	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação)	4

APÊNDICE B – Tabela de análise descritiva do *World Grand Prix* (GP)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	CATEGORIA
28/08/2010	32	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação/resultado)	1/4
28/08/2010	33	Esporte	D16	Vôlei perde e fica longe do ouro	2/1/4
29/08/2010	34	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação/resultado)	1/4
29/08/2010	35	Esporte	D16	Vôlei torce contra EUA e pega China	3/1
30/08/2010	36	Esporte	D11	Seleção leva a prata no GP de vôlei	1/4
30/08/2010	37	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (resultado final)	1
25/08/2010	38	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação)	4
MATÉRIAS QUE ESTAVAM NA INTERNET, MAS QUE NÃO ESTAVAM NO JORNAL IMPRESSO					
16/07/2010	1	Esporte	Internet	Brasil define grupo para disputa do Grand Prix	1/4

LEGENDA			
NÚMERO	CATEGORIA	QUANTIDADE	RANQUEAMENTO
1	Técnica	29	1°
2	Personificação	6	4°
3	Favoritismo/expectativa	11	3°
4	Agendamento/programação	24	2°
Total de registros categoriais: 70			

APÊNDICE C – Centimetragem das matérias da Liga Mundial (LM)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	ÁREA DA MATÉRIA	ÁREA DO CADERNO DE ESPORTE	% DA ÁREA DA MATÉRIA NO CADERNO DE ESPORTE
04/06/2010	1	Esporte	D13	Fora do Foco, seleção de vôlei disputa Liga	247,5 cm ²	14112,0 cm ²	1,75%
04/06/2010	2	Esporte	D13	Ricardinho, mesmo fora, é lembrado	28,9 cm ²	14112,0 cm ²	0,20%
04/06/2010	3	Esporte	D15	Liga Mundial (resultado)	44,1cm ²	14112,0 cm ²	0,31%
05/06/2010	4	Esporte	D13	Brasil estreia na Liga Mundial com vitória	35,5 cm ²	14112,0 cm ²	0,25%
05/06/2010	5	Esporte	D15	Liga Mundial (resultado)	19,2 cm ²	14112,0 cm ²	0,13%
06/06/2010	6	Esporte	D17	Giba dita ritmo de vitória brasileira contra a Bulgária	275,5 cm ²	17640,0 cm ²	1,56%
06/06/2010	7	Esporte	D19	Liga Mundial (1ª rodada) (resultado)	44,1 cm ²	17640,0 cm ²	0,25%
07/06/2010	8	Esporte	D18	Liga Mundial (resultado)	30,5 cm ²	17640,0 cm ²	0,17%
12/06/2010	9	Esporte	D28	Seleção pega Holanda pela Liga Mundial hoje	29,9 cm ²	27342,0 cm ²	0,10%
13/06/2010	10	Esporte	D22	Quarteto faz Brasil ser mais versátil	268,8 cm ²	23814,0 cm ²	1,12%
18/06/2010	11	Esporte	D24	Brasil encara freguês na Liga Mundial, no Rio	31,2 cm ²	27342,0 cm ²	0,11%
19/06/2010	12	Esporte	D28	Seleção faz 2ª partida contra a Coreia do Sul	18,4 cm ²	27342,0 cm ²	0,06%
26/06/2010	13	Esporte	D30	Seleção defende hoje liderança na Liga	31,6 cm ²	30870,0 cm ²	0,10%
27/06/2010	14	Esporte	D26	Brasil volta a enfrentar a Holanda em Roterdã	36,8 cm ²	27342,0 cm ²	0,13%
28/06/2010	15	Esporte	D29	Brasil se recupera e bate a Holanda fora de casa outra vez	35,4 cm ²	27342,0 cm ²	0,12%
02/07/2010	16	Esporte	D29	Brasil pega freguês na Liga Mundial	17 cm ²	27342,0 cm ²	0,06%
03/07/2010	17	Esporte	D36	Seleção masculina faz o segundo jogo com a Coreia do Sul	35,4 cm ²	34398,0 cm ²	0,10%
04/07/2010	18	Esporte	D24	Sem Giba, Brasil bate Coreia do Sul pela Liga	29,9 cm ²	23814,0 cm ²	0,12%
05/07/2010	19	Esporte	D21	Brasil obtém segunda vitória sobre Coreia do Sul na Liga Mundial	33,1 cm ²	20286,0 cm ²	0,16%
08/07/2010	20	Esporte	D22	Com Giba, Brasil encara a Bulgária e busca vaga na fase final da Liga	115,2 cm ²	23814,0 cm ²	0,48%
09/07/2010	21	Esporte	D17	Brasil derrota a Bulgária e garante vaga nas finais da Liga Mundial	103,6 cm ²	16758,0 cm ²	0,61%

APÊNDICE C – Centimetragem das matérias da Liga Mundial (LM)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	ÁREA DA MATÉRIA	ÁREA DO CADERNO DE ESPORTE	% DA ÁREA DA MATÉRIA NO CADERNO DE ESPORTE
10/07/2010	22	Esporte	D23	Brasil elimina Bulgária e aguarda definição de rival nas finais da Liga	115,2 cm ²	23814,0 cm ²	0,48%
12/07/2010	23	Esporte	D28	EUA perdem, e Brasil encara Argentina e Sérvia	55,2 cm ²	27342,0 cm ²	0,20%
12/07/2010	24	Esporte	D28	Liga Mundial – fase final (resultado)	17,8 cm ²	27342,0 cm ²	0,06%
17/07/2010	25	Esporte	D11	Giba pode desfalcar o Brasil nas finais da Liga	34,5 cm ²	14112,0 cm ²	0,24%
20/07/2010	26	Esporte	D16	1ª vez – Sem Escadinha, Brasil joga finais da Liga Mundial com o líbero novato Mário Júnior	643,2 cm ²	14112,0 cm ²	4,55%
20/07/2010	27	Esporte	D16	Brasil enfrenta rivais frágeis na fase final	125,7 cm ²	14112,0 cm ²	0,89%
21/07/2010	28	Esporte	D8 e D9	Italianos e brasileiros buscam 9ª taça da Liga Mundial de vôlei e título de maior campeão	1200,7cm ²	14112,0 cm ²	8,50%
21/07/2010	29	Esporte	D9	Sem vencer, Argentina crê em ‘herdeiros’	96 cm ²	14112,0 cm ²	0,68%
21/07/2010	30	Esporte	D9	Time do Brasil potencializa o perigo do rival	103,5 cm ²	14112,0 cm ²	0,73%
22/07/2010	31	Esporte	D13	Seleção de vôlei encara freguês por vaga na semifinal	190,1 cm ²	14112,0 cm ²	1,34%
23/07/2010	32	Esporte	D16	Seleção está mais ‘brasileira’ na Liga	355,6 cm ²	14112,0 cm ²	2,51%
24/07/2010	33	Esporte	D10	À flor da pele, time de vôlei busca final	413,1 cm ²	14112,0 cm ²	2,92%
27/07/2010	34	Esporte	D16	A sombra de Ricardinho	616,4 cm ²	14112,0 cm ²	4,36%
27/07/2010	35	Esporte	D16	Vissotto diz que quer voltar a jogar no Brasil	72 cm ²	14112,0 cm ²	0,51%
27/07/2010	36	Esporte	D16	Lula parabeniza seleção por título	21,6 cm ²	14112,0 cm ²	0,15%
31/07/2010	37	Esporte	D11	Ricardinho está fora de relação para o Mundial	106,2 cm ²	14112,0 cm ²	0,75%
31/07/2010	38	Esporte	D11	Técnico repete elenco campeão da Liga	16,1 cm ²	14112,0 cm ²	0,11%
21/07/2010	39	Esporte	D15	Liga Mundial de vôlei (fase final – 1ª rodada) (programação)	33,6 cm ²	14112,0 cm ²	0,23%

APÊNDICE C – Centimetragem das matérias da Liga Mundial (LM)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	ÁREA DA MATÉRIA	ÁREA DO CADERNO DE ESPORTE	% DA ÁREA DA MATÉRIA NO CADERNO DE ESPORTE
22/07/2010	40	Esporte	D14	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação)	42,1 cm ²	14112,0 cm ²	0,29%
23/07/2010	41	Esporte	D15	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação)	64,4 cm ²	14112,0 cm ²	0,45%
24/07/2010	42	Esporte	D15	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação/resultado)	54 cm ²	14112,0 cm ²	0,38%
25/07/2010	43	Esporte	D14	Liga Mundial de vôlei (fase final) (programação)	51,9 cm ²	14112,0 cm ²	0,36%
26/07/2010	44	Esporte	D14	Liga Mundial de vôlei (final) (programação)	26,6 cm ²	14112,0 cm ²	0,18%
23/07/2010	45	Esporte	D16	Rússia bate Cuba e se classifica em 1º em Córdoba (Essa matéria fala sobre a Liga Mundial, mas não fala sobre a seleção brasileira)	333,4 cm ²	14112,0 cm ²	2,36%
MATÉRIAS QUE ESTAVAM NA INTERNET, MAS QUE NÃO ESTAVAM NO JORNAL IMPRESSO							
14/06/2010	1	Esporte	Internet	Após perder invencibilidade de 25 partidas, Brasil derrota Holanda	-	-	-
20/06/2010	2	Esporte	Internet	Brasil faz 3 a 0 e bate a Coreia do Sul na Liga pela 2ª vez	-	-	-
23/07/2010	3	Esporte	Internet	Reservas garantem Brasil na semifinal	-	-	-
25/07/2010	4	Esporte	Internet	Brasil faz final na Liga contra time de extremos	-	-	-
26/07/2010	5	Esporte	Internet	Brasil conquista 9º título e reina na Liga Mundial	-	-	-
26/07/2010	6	Esporte	Internet	Seleção campeã cria dilemas para Bernardinho	-	-	-

APÊNDICE D – Centimetragem das matérias do *World Grand Prix* (GP)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	ÁREA DA MATÉRIA	ÁREA DO CADERNO DE ESPORTE	% DA ÁREA DA MATÉRIA NO CADERNO DE ESPORTE
15/07/2010	1	Esporte	D9	Seleção feminina faz amistosos neste mês	33,1 cm ²	14112,0 cm ²	0,23%
06/08/2010	2	Esporte	D12 e D13	Grand Prix põe à prova levantadoras do Brasil	1179,5cm ²	14112,0 cm ²	8,35%
06/08/2010	3	Esporte	D13	Levantadora titular desfalca seleção italiana	100,7 cm ²	14112,0 cm ²	0,71%
06/08/2010	4	Esporte	D13	Não há ingressos para jogo com a Itália (programação)	23,4 cm ²	14112,0 cm ²	0,16%
06/08/2010	5	Esporte	D15	Grand Prix (1ª rodada) (programação)	50,4 cm ²	14112,0 cm ²	0,35%
07/08/2010	6	Esporte	D14	Grand Prix (1ª rodada) (programação/resultado)	42,4 cm ²	14112,0 cm ²	0,30%
07/08/2010	7	Esporte	D16	Brasil vence e pega hoje azarão no Grand Prix	474,8 cm ²	14112,0 cm ²	3,36%
08/08/2010	8	Esporte	D14	Grand Prix (1ª rodada) (programação/resultado)	42,4 cm ²	14112,0 cm ²	0,30%
08/08/2010	9	Esporte	D16	Brasil vence a segunda e pega Itália enfraquecida	592,8 cm ²	14112,0 cm ²	4,20%
09/08/2010	10	Esporte	Internet	Seleção abusa de erros e é punida	-	-	-
12/08/2010	11	Esporte	D12	Seleção joga 'prévia' de fase decisiva	268,8 cm ²	14112,0 cm ²	1,90%
12/08/2010	12	Esporte	D14	Grand Prix (2ª rodada) (programação)	39,9 cm ²	14112,0 cm ²	0,28%
13/08/2010	13	Esporte	D13	Cansaço das holandesas vira trunfo brasileiro	101,2 cm ²	14112,0 cm ²	0,71%
13/08/2010	14	Esporte	D15	Grand Prix (2ª rodada) (programação)	42 cm ²	14112,0 cm ²	0,29%
14/08/2010	15	Esporte	D13	Seleção encara invicta China para ficar em primeiro lugar no grupo	64,3 cm ²	14112,0 cm ²	0,45%
15/08/2010	16	Esporte	D12	Seleção de vôlei ganha, e Sheila é o destaque	248,6 cm ²	14112,0 cm ²	1,76%
15/08/2010	17	Esporte	D14	Grand Prix (2ª rodada) (programação/resultado)	40,5 cm ²	14112,0 cm ²	0,28%
16/08/2010	18	Esporte	D10	Inundações adiam jogo do Brasil na China	33,6 cm ²	14112,0 cm ²	0,23%
16/08/2010	19	Esporte	D15	Grand Prix (2ª rodada) (programação/resultado)	104,2 cm ²	14112,0 cm ²	0,73%
17/08/2010	20	Esporte	D11	Vitória sobre as chinesas põe o Brasil na liderança	98,9 cm ²	14112,0 cm ²	0,70%
19/08/2010	21	Esporte	D15	Grand Prix (3ª rodada) (programação)	10,1 cm ²	14112,0 cm ²	0,07%

APÊNDICE D – Centimetragem das matérias do *World Grand Prix* (GP)

DATA	N	CADERNO	PÁG.	TÍTULO	ÁREA DA MATÉRIA	ÁREA DO CADERNO DE ESPORTE	% DA ÁREA DA MATÉRIA NO CADERNO DE ESPORTE
20/08/2010	22	Esporte	D13	Seleção brasileira enfrenta pior time do Grand Prix	62,1 cm ²	14112,0 cm ²	0,44%
21/08/2010	23	Esporte	D13	Brasil vence e se garante nas finais do Grand Prix	207,3 cm ²	14112,0 cm ²	1,46%
22/08/2010	24	Esporte	D15	Brasileiras vencem 'amistosos' em Taiwan	218,8 cm ²	14112,0 cm ²	1,55%
23/08/2010	25	Esporte	Internet	Brasileiras ganham oitavo de nove jogos	-	-	-
24/08/2010	26	Esporte	Internet	Hegemônico, Brasil decide o Grand Prix	-	-	-
24/08/2010	27	Esporte	Internet	Equipe festeja Mari na chegada a Ningbo	-	-	-
25/08/2010	28	Esporte	D15	Seleção de vôlei arma paredão ante polonesas	128,8 cm ²	14112,0 cm ²	0,91%
26/08/2010	29	Esporte	Internet	Ataque falha, e meninas do vôlei amargam revés no Grand Prix	-	-	-
27/08/2010	30	Esporte	D11	Seleção de vôlei bate Polônia, mas perde Mari, no Grand Prix	165,1 cm ²	14112,0 cm ²	1,16%
27/08/2010	31	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação)	52,9 cm ²	14112,0 cm ²	0,37%
28/08/2010	32	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação/resultado)	50,6 cm ²	14112,0 cm ²	0,35%
28/08/2010	33	Esporte	D16	Vôlei perde e fica longe do ouro	691,6 cm ²	14112,0 cm ²	4,90%
29/08/2010	34	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação/resultado)	15,3 cm ²	14112,0 cm ²	0,10%
29/08/2010	35	Esporte	D16	Vôlei torce contra EUA e pega China	708,8 cm ²	14112,0 cm ²	5,02%
30/08/2010	36	Esporte	D11	Seleção leva a prata no GP de vôlei	268,8 cm ²	14112,0 cm ²	1,90%
30/08/2010	37	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (resultado final)	23 cm ²	14112,0 cm ²	0,16%
25/08/2010	38	Esporte	D15	Grand Prix (fase final) (programação)	22 cm ²	14112,0 cm ²	0,15%
MATÉRIAS QUE ESTAVAM NA INTERNET, MAS QUE NÃO ESTAVAM NO JORNAL IMPRESSO							
16/07/2010	1	Esporte	Internet	Brasil define grupo para disputa do Grand Prix	-	-	-